

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA**

JÚLIA PEREIRA LIMA ARAÚJO

**HISTÓRIA E QUADRINHOS - A IMPORTÂNCIA DA SEÇÃO DE *HISTÓRIA DO BRASIL EM FIGURAS* PARA O PROJETO EDUCACIONAL DA REVISTA *O TICO-TICO***

Uberlândia, MG.

2022/1

**HISTÓRIA E QUADRINHOS - A IMPORTÂNCIA DA SEÇÃO DE *HISTÓRIA DO BRASIL EM FIGURAS* PARA O PROJETO EDUCACIONAL DA REVISTA *O TICOTICO***

Trabalho de conclusão do Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em História.

Uberlândia, MG.

2022/1

JÚLIA PEREIRA LIMA ARAÚJO

**HISTÓRIA E QUADRINHOS - A IMPORTÂNCIA DA SEÇÃO DE *HISTÓRIA DO BRASIL EM FIGURAS* PARA O PROJETO EDUCACIONAL DA REVISTA *O TICO-TICO***

Trabalho de conclusão do Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Flávia Cernic Ramos (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Spini

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daniela Magalhães da Silveira

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que tornaram possível essa pesquisa: A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup> Ana Flávia Cernic Ramos, pelos sábios conselhos, por me ensinar tanto e com toda paciência e tranquilidade soube compreender os meus desafios; a minha colega de graduação, Larissa da Silva Rodrigues, pelo companheirismo ao longo deste percurso e por todo apoio e amparo em meus momentos de impaciência e ansiedade; ao meu noivo, Roger Fernandes Evangelista, que desde o início acreditou que isso seria possível; à minha família, que tem a compreensão de como esse trabalho é importante. E às demais pessoas, que direta ou indiretamente contribuíram para que esta pesquisa fosse possível.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a seção de quadrinhos sobre a História do Brasil intitulada *História do Brasil em Figuras* (1905-1907), produzida pelo cartunista Leonidas Freire e publicada sequencialmente na revista infantil *O Tico-Tico*, primeiro periódico semanal dedicado a crianças, criada no ano de 1905 na cidade do Rio de Janeiro. Na análise aqui apresentada, nos concentramos em investigar que tipo história do Brasil está sendo apresentada e construída para os futuros homens e mulheres do país, sobretudo no que diz respeito às questões do conteúdo que está sendo selecionado e apresentado para a juventude brasileira. Se a imprensa, segundo as ideias de Tânia de Luca, vai ser entendida como um espaço de debates sobre projetos para o Brasil, de intervenções políticas e sociais por parte daqueles que produziam jornais e revistas, as histórias em quadrinhos, publicadas nestes periódicos, também foi locus importante de tais discussões. No começo do século XX, as histórias em quadrinhos, circularam especialmente através da imprensa. Assim, as histórias em quadrinhos, como também a literatura, a ficção, e outros produtos de sucesso, transformaram-se em um espaço importante de debate sobre a realidade e problemas políticos e sociais. Pensarmos no tipo de história que está sendo construída para as crianças do início do século XX nos diz muito sobre que tipo de Brasil a sociedade estava construindo no imaginário infantil.

Palavras-chave: Imprensa. Quadrinhos. Educação.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the section of comics about the History of Brazil entitled History of Brazil in Figures (1905-1907), produced by the cartoonist Leonidas Freire and published sequentially in the children's magazine *O Tico-Tico*, the first weekly periodical dedicated to children, created in 1905 in the city of Rio de Janeiro. In the analysis presented here, we focused on investigating what kind of history of Brazil is being presented and constructed for the country's future men and women, especially with regard to issues of content that is being selected and presented to Brazilian youth. If the press, according to Tânia de Luca's ideas, will be understood as a space for debates on projects for Brazil, for political and social interventions by those who produced newspapers and magazines, the comics, published in these periodicals, would also be an important locus of such discussions. At the beginning of the 20th century, comics circulated especially through the press. Thus, comics, as well as literature, fiction, and other successful products, have become an important space for debate about reality and political and social problems. Thinking about the type of history being constructed for children in the early 20th century tells us a lot about the type of Brazil society was building in children's imagination.

Keywords: Press. Comics. Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Logotipo de <i>O Tico-Tico</i> , concebido por Angelo Agostini. ....	19
Figura 2 - “As desventuras de Chiquinho – os inconvenientes da popularidade”. <i>O Tico-Tico</i> , ed. 17. 31/01/1906, p.16. Autografia, s/c. ....	21
Figura 3 - “A fuga de Lamparina”. <i>O Tico-Tico</i> , ed. 1202. 17/10/1928, p.1. Autografia, J. Carlos.....	23
Figura 4 - “Uma experiência genial”. <i>O Tico-Tico</i> , ed.16. 24/01/1906, p.5. Autografia, Leonidas. ....	23
Figura 5 - “Página de armar”. <i>O Tico-Tico</i> , ed.01. 22/11/1905, p.22. Autografia, Luís Gomes Loureiro. ....	24
Figura 6 - “O Diamante da fada Pirueta (conto da carochinha)”. <i>O Tico-Tico</i> , ed.16. 24/01/1906, p.3-4. Autografia, Merlin. ....	24
Figura 7 - “Trabalho e preguiça”. <i>O Tico-Tico</i> , ed.40. 11/07/1906, p.4-5. Autografia, Desconhecida.....	25
Figura 8 - “História do Brasil em figuras. Reacção Nativista – Revolução de 1817”. <i>O Tico-Tico</i> , 22/11/1905. Nº 01.....	36
Figura 9 - “História do Brasil em figuras. Chegada de D. João VI”. <i>O Tico-Tico</i> , 13/06/1906. Nº 86. ....	38
Figura 10 - “História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)”. <i>O Tico-Tico</i> , 24/01/1906. Nº 16. ....	40
Figura 11 - “História do Brasil em figuras. Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)”. <i>O Tico-Tico</i> , 18/04/1906. Nº 28. ....	42
Figura 12 - “História do Brasil em figuras. Capítulo XXXV – Reinado de D. Pedro II”. <i>O Tico-Tico</i> , 21/11/1906. Nº 59. ....	47
Figura 13 - “História do Brasil em figuras. As missões – sua sublevação (1756 a 1759)”. <i>O Tico-Tico</i> , 09/05/1906. Nº 31. ....	48
Figura 14 - “História do Brasil em figuras. Guerra do Paraguay – 1864-1870. A batalha de Tuyuty – 24 de Maio de 1865”. <i>O Tico-Tico</i> , 28/08/1907. Nº 99. ....	48
Figura 15 - “História do Brasil em figuras. Guerra do Paraguay – 1864-1870. Uma ascensão de balão”. <i>O Tico-Tico</i> , 04/12/1907. Nº 113. ....	50

Figura 16 - Jean Baptiste Debret, <i>Le vieillard convalescent</i> . In: <a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3497">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3497</a> .....	52
Figura 17 - “História do Brasil em figuras. Outros costumes e factos do tempo de D. João VI”. <i>O Tico-Tico</i> , 11/07/1906. Nº 40. ....	53
Figura 18 - Jean Baptiste Debret, <i>Une mulatresse allant passer les fêtes de Noël, a la campacne</i> . In: <a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3330">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3330</a> .....	54
Figura 19 - “História do Brasil em figuras. Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI”. <i>O Tico-Tico</i> , 17/07/1906. Nº 41. ....	55
Figura 20 - “História do Brasil em figuras. Conspiração de Tiradentes”. <i>O Tico-Tico</i> , 30/05/1906. Nº 34.....	64
Figura 21 - “História do Brasil em figuras. Conspiração de Tiradentes”. <i>O Tico-Tico</i> , 06/06/1906. Nº 35.....	65
Figura 22 - “História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)”. <i>O Tico-Tico</i> , 24/01/1906. Nº 16. ....	67
Figura 23 - LOBOS, Raul Villa. História do Brasil – Resumo Didático. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901.....	71
Figura 24 - LOBOS, Raul Villa. História do Brasil – Resumo Didático. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901. p.114.....	75
Figura 25 - LOBOS, Raul Villa. História do Brasil – Resumo Didático. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901. p.115.....	76

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - levantamento de edições, datas e títulos da seção História do Brasil em figuras da revista <i>O Tico-Tico</i> .....	44
Tabela 2 - Tabela 2 - Índice do livro História do Brasil – Resumo Didático de Raul Villa Lobos .....	72

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - O Tico-Tico, a primeira revista infantil brasileira .....	15
I - Um tico sobre a primeira revista infantil brasileira.....	19
II. Divertir, ensinar e formar o futuro do país.....	27
CAPÍTULO II - Nossa História em quadrinhos .....	32
II – A História do Brasil em Figuras.....	43
III. As inspirações de Freire.....	51
CAPÍTULO III – O ensino de História nas páginas d’ <i>O Tico-Tico</i> .....	58
II. O uso de biografias como recurso didático na seção de <i>História do Brasil em figuras</i> ...	62
III. O ensino de História, do livro didático às páginas d’ <i>O Tico-Tico</i> .....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	80

## INTRODUÇÃO

Publicada semanalmente entre os anos de 1905 a 1977, a revista *O Tico-Tico* foi um grande sucesso editorial. Caracterizada por divulgar conteúdos educacionais voltados para o ensino e aprendizagem das crianças, a revistinha se destacou principalmente por inovar trazendo as primeiras publicações de histórias em quadrinhos voltadas para o público infantil no Brasil<sup>1</sup>. A revistinha surgiu em um momento de intensas disputas pelo público leitor brasileira no meio jornalístico, visto que, com os processos de modernização nas primeiras décadas republicanas, a imprensa se transformava com as novas tecnologias a seu alcance. Como apontou Roberta Ferreira Gonçalves, as máquinas reponsáveis por acelerar (e aperfeiçoar) a produção de jornais e revistas no país agora passavam também a imprimir imagens e cores. Fotografias, ilustrações, retratos e também histórias em quadrinhos se tornam uma das principais atrações da imprensa nacional<sup>2</sup>. Foram os redatores do jornal *O Malho* que tiveram a iniciativa de criar um periódico voltado para o público infantil, tendo em vista a ampliação do mercado infanto-juvenil no Brasil. *O Tico-Tico* apresentava uma ampla gama de conteúdos, como contos, seções com lições de moral e civismo, concursos de escrita ou desenhos, páginas com jogos, entre outros<sup>3</sup>. Apesar do vasto conteúdo, foram as histórias em quadrinhos que ganharam o público. Atendendo ao gosto do dos leitores, as histórias em quadrinhos foram utilizadas não apenas para vender jornais e revistas, como entretenimento, mas também passaram a ser vistas como um espaço de interlocução e mesmo intervenção na sociedade pelos escritores, desenhistas e jornalistas. Ou seja, assim como pensavam na imprensa como uma arena em que disputavam projetos de nação, eles viram também uma oportunidade, através das histórias publicadas em quadrinhos, de empreender grandes debates sobre temas e questões políticas e sociais do seu contexto histórico<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre a primeira revista infantil brasileira, ver: W.; SANTOS, R. E. dos. *A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos*. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 23-34, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42300>. Acesso em: 3 dez. 2022; ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

<sup>2</sup> GONÇALVES, Roberta Ferreira. *A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011

<sup>3</sup> SILVA, Alexandre Rocha da. *Os Homens do Futuro – As Crianças de Hoje: Debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907 – 1919)* Campinas: UNICAMP, 2018.

<sup>4</sup>Sobre isso ver, por exemplo, GOMES, Ivan Lima. *Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007

De acordo com Tânia Reniga de Luca, somente com a ampliação das fontes históricas promovido pelo surgimento da “História Nova”, pela Escola dos Annales, que os periódicos passaram a ser tratados como objetos de estudo. Segundo a autora, a análise de periódicos deve ser minuciosa, isso se deve pelo fato da imprensa ser um veículo de comunicação que reproduz a partir de seus próprios interesses, sendo assim, eles são utilizados como fonte de manipulação social. Ao utilizar da imprensa como fonte histórica, deve-se ter o cuidado de compreender, como e de que forma, estes documentos estão sendo utilizados. Dessa forma, é necessário buscarmos entender o jornal como um todo, para quem se escreve, como está sendo escrito, quais suas intenções ao escrever, além de fazer uma análise minuciosa sobre quem está por trás do jornal, visto que, há uma reprodução ideológica por parte daqueles que produzem os periódicos. Podemos perceber então que a imprensa é uma rica fonte histórica, porém, deve ser analisada juntamente com outras fontes para auxiliar na compreensão do que está sendo reproduzido pelos periódicos<sup>5</sup>.

Ao tornar-se um importante objeto de pesquisa histórica, jornais como *Tico-Tico* vem sendo fonte de muitas pesquisas importantes, estudos que nos ajudam a compreender como esse tipo de publicação pretendia ensinar e formar os comportamentos infantis. Projetos de infância, cidadania, nacionalidade e moralidade eram colocados na ordem do dia da publicação, como muitos trabalhos sobre a *Tico-Tico* vem mostrando nos últimos anos<sup>6</sup>. A revista queria ser, além de entretenimento, uma ferramenta de transformação e conformação da juventude brasileira. Sabendo que as histórias em quadrinhos eram uma das atrações da revista, este estudo pretende fazer o levantamento e mapeamento das histórias em quadrinhos que pretendiam narrar o passado do Brasil, visando instruir e formar a juventude brasileira. O objeto central desta monografia é analisar a seção intitulada “História do Brasil em figuras”, criada pelo cearense Leonidas Freire, que estreou nas páginas d’*O Tico-Tico* logo na primeira edição da revista. Esta seção, com proposta de recontar a história nacional, foi publicada

---

<sup>5</sup> LUCA, Tânia Regina de - *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Fontes Históricas (pp. 111-153). São Paulo. Contexto, 2005. p.118.

<sup>6</sup> Sobre os projetos da revista *O Tico-Tico*, verificar: GONÇALVES, Roberta Ferreira. *As aventuras d’O Tico-Tico: formação infantil no Brasil republicano (1905-1962)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. dos. *A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos*. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 23-34, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42300>. Acesso em: 3 dez. 2022; ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

entre 1905 e 1907. O presente trabalho fará a análise do período de 1905 a 1907, com destaque para o ano de 1906 destas edições.

Tal levantamento ainda não foi feito de forma sistemática pela bibliografia. Alguns estudiosos da publicação, que já se debruçaram sobre o estudo da revista, esbarraram nesta seção chegando a analisá-la de forma breve, como é o caso do trabalho de Roberta Ferreira Gonçalves, em sua obra *As aventuras d'O Tico-Tico: Formação infantil no Brasil republicano (1905-1962)*. Gonçalves perpassa pela seção ao analisar “os usos do passado na revista e a constituição de uma cultura histórica em suas páginas”<sup>7</sup>. Ao analisar a publicação, Gonçalves observa de que forma a revista infantil apresentava seu conteúdo de história, apontando algumas diferenças com o material produzido para ser utilizado em sala de aula<sup>8</sup>. Alexandre Rocha da Silva, por sua vez, também vai citar a obra de Freire ao tentar compreender a figura de personagens negros na revista, buscando entender como esses personagens poderiam ser tão queridos e amados e ao mesmo tempo serem também ridicularizados. Ao citar a seção, Silva vai expor a forma como foram estereotipados personagens como o “Índio Poty” e o “preto Henrique Dias”. O autor ressalta que, apesar das características fisionômicas dos personagens, Freire teria destacado o protagonismo, a nobreza e a iniciativa de tais personagens negros<sup>9</sup>.

Sendo assim, os trabalhos já produzidos que citam a seção não a analisaram de forma sistemática ou tentando compreendê-la como um todo. Este trabalho pretende aprofundar na análise da seção de “História do Brasil em figuras”, buscando compreender como a seção foi uma importante ferramenta para a formação de uma identidade nacional através do ensino de história e como a mesma auxiliou no projeto educacional da revista para forjar um padrão comportamental. Além disso, pretende-se verificar que tipo de história do Brasil o autor Leonidas Freire pretendia construir no imaginário infantil.

O primeiro capítulo tem por objetivo contextualizar o momento no qual a revista é criada, cercada por inúmeras transformações e projetos da intelectualidade voltados para os futuros homens e mulheres brasileiros, cidadãos da República brasileira. Além disso, pretende-se analisar a revistinha apresentando suas particularidades. Por fim, faremos uma discussão bibliográfica para compreender como a revista abordou temas

---

<sup>7</sup> GONÇALVES, *op. cit.*, p.144.

<sup>8</sup> GONÇALVES, *op. cit.*, p. 149.

<sup>9</sup> SILVA, *op. cit.*, p. 215.

que versavam sobre raça, trabalho, escravidão, história e sociedade para as crianças. Já o segundo capítulo pretende apresentar a seção de “História do Brasil em figuras”, além de investigar o conteúdo selecionado para estar na seção, pensando sobre o tipo de História do Brasil está sendo construído e apresentado aos leitores da revista. Faremos também neste capítulo uma análise do conteúdo imagético elaborado por Leonidas Freire e, com base em suas inspirações, verificar que tipo de memória nacional ele pretende reforçar para seus pequenos leitores. Por fim, o capítulo III busca relacionar o conteúdo de história apresentado nas escolas com a seção “História do Brasil em figuras”, da *Tico-Tico*, analisando o uso de biografias pela seção e realizando uma comparação com um material didático produzido no início do século XX.

Partindo desse pressuposto, esta monografia pretende compreender que tipo de História do Brasil estava sendo produzida e divulgada ao público leitor de *O Tico-Tico*, sistematizando temas mais recorrentes, personagens históricos que surgiram nas páginas do periódico, entre outras questões. A pesquisa se dividiu em dois momentos: inicialmente foi feito um levantamento de toda a seção de “*História do Brasil em figuras*” e depois foi realizada uma análise aprofundada da seção. Assim, dentro dessa perspectiva, pretendeu-se entender o que era escolhido como História do Brasil ideal para a revista *O Tico-Tico*, visando analisar a revista durante o período de pós-abolição, com o intuito de ver como esta, através dessas histórias, estaria discutindo temas como trabalho, raça, gênero e memórias da escravidão.

## CAPÍTULO I - O Tico-Tico, a primeira revista infantil brasileira

Após a Proclamação da República, o Brasil viu-se inserido em inúmeros processos de mudanças. Modernização era a palavra que estava no auge da sociedade brasileira ao final do século XIX, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro. A então capital do país crescia, passando por mudanças políticas e sociais tanto na vida cotidiana, dentro das casas, quanto nas ruas e instituições. “Vertigem e aceleração do tempo” são adjetivos utilizados por Margarida de Souza Neves para definir as grandes mudanças pelas quais o Brasil passava ao fim do século XIX e início do século XX. O momento foi marcado por um paradoxo entre a vida rural e urbana, onde a primeira é definida por um sentimento de “marasmo” e no qual o tempo transcorria de forma lenta, enquanto na segunda a população urbana enfrentava o rápido crescimento das cidades causadas pelas mudanças na percepção de vida e no sonho da modernidade. A então capital, Rio de Janeiro, era palco para as transformações na vida social e privada, os olhos dos brasileiros estavam voltados para as grandes nações europeias e buscavam imitar “os modos de viver, os valores, as instituições, os códigos e as modas”. Os ideais de modernidade apresentavam-se otimistas com as conquistas científicas e técnicas e “impunham uma determinada concepção de tempo e história”<sup>10</sup>.

Os setores de indústrias e investimentos cresciam cada vez mais, assim como o jornalismo, que também se encontrava em tempos de mudanças, anunciando em suas páginas o “discurso de modernização”. A imprensa brasileira se transformava, objetivando alcançar o grande público, oferecendo notícias, mas também entretenimento. O hábito de ler tornava-se cada vez mais frequente entre a população. O Rio de Janeiro, possuía um papel de destaque na formação de uma “opinião pública”, já que concentrava grande parte dos grandes periódicos do país. Neste novo cenário, o jornalismo brasileiro passou, então, a seguir novos passos rumo às “polêmicas” que envolviam principalmente esses processos de modernização. Segundo Marialva Barbosa, possuindo a “maior rede ferroviária nacional” e com um crescimento populacional “acentuado”, o Rio de Janeiro representava então um espaço importante para o crescimento jornalístico do país em “moldes empresariais”. Tornando-se grandes empresas, os veículos de imprensa diziam então que seu foco principal era “informar, com isenção, neutralidade, imparcialidade e veracidade”, com o objetivo de construir e

---

<sup>10</sup>FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil republicano. Vol 1: O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 11. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. pp. 11-15.

moldar uma “representação ideal da sociedade”<sup>11</sup>. Além das mudanças de objetivos, a imprensa brasileira passava ainda por transformações tecnológicas, adquirindo máquinas que imprimiam mais rápido e em maiores quantidades, além de possibilitar a “publicação de imagens”<sup>12</sup>.

Já nas últimas décadas do século XIX, os grandes jornais brasileiros tornavam-se cada vez mais acessíveis ao grande público. Aumentando suas tiragens, barateando suas edições, vários periódicos passaram a alcançar diferentes classes sociais, o que fazia da imprensa um dos principais espaços de sociabilidade pública<sup>13</sup>. Arena de disputas políticas e sociais, o jornal tornava-se cada vez mais um importante “influenciador e formador” de opiniões, atribuindo a si mesmo muitas vezes a tarefa de modernizador da sociedade brasileira<sup>14</sup>. Apesar dos altos índices de analfabetismo no país, os jornais eram lidos em voz alta em meio a rodas formadas em locais abertos por diversos grupos, possibilitando que pessoas não letradas pudessem acessar os conteúdos publicados e participar dos debates então em voga. Segundo Marialva Barbosa, para tornar o jornal ainda mais democrático, além do barateamento das edições, as grandes empresas jornalísticas investiram massivamente em ilustrações e caricaturas, com o intuito de criar o hábito de ler também entre o “público de maioria analfabeta”. Nesse novo contexto, o jornalismo cresce ditando “modas e novos hábitos”. Além de informativo, o jornal passa a entreter e divertir a população sem deixar de “instruir e normatizar a sociedade”. A ideia principal era deixar de lado os velhos costumes e inserir uma “nova ordem” na sociedade brasileira, criando novas representações, em especial para o trabalho, levando em conta a recém-saída da sociedade brasileira da escravidão<sup>15</sup>.

Entre os periódicos de destaque nesse processo de transformação da imprensa em grandes empresas de informação estavam o *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Gazeta de notícias* e *Jornal do Commercio*. As disputas entre os jornais brasileiros pela conquista do público tornava-se cada vez mais notável. Dessa forma, jornais de menor

<sup>11</sup>BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. pp. 118-122.

<sup>12</sup>GONÇALVES, Roberta Ferreira. *A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista o Tico-Tico*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. p.15.

<sup>13</sup>Para saber mais sobre as transformações da imprensa no final do século XIX e início do XX verificar: BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio. Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000; ARAUJO, Rodrigo C. S. de. *Caminhos na produção da notícia: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875-1891)*. (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2015; MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015; RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Espaço Público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808 – 1964)*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

<sup>14</sup>PEREIRA, L. A. M. Introdução. IN: *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

<sup>15</sup>BARBOSA, *op. cit.*, p.122-132

prestígio procuravam diversos jeitos para conquistar seus espaços na sociedade e por vezes era necessário buscar este espaço em um “outro tipo de público”<sup>16</sup>. Sendo assim, ao final do século XIX e início do século XX, a diversificação da imprensa seguia abrindo espaço para novos modelos de publicações como “revistas mundanas, periódicos críticos e literários, impressos que falavam exclusivamente do mundo do trabalho”, entre outros<sup>17</sup>. Além disso, com o aumento da produção, da industrialização e a inserção de novos modelos de fabricação e produção de bens culturais, setores como os de jornalismo e magazines viram uma ótima oportunidade para incorporar às suas páginas novas ideias, modelos novos de publicação e até mesmo um jornal voltado exclusivamente para outras faixas etárias nem sempre tão evidentes na imprensa brasileira, como, por exemplo, o público infantil. O século XX foi aclamado como o “século da criança” e é inegável a centralização que a infância recebeu neste período, sendo direcionada a ela todo “um mercado de bens simbólicos”<sup>18</sup>. É nesse momento que surgirão as primeiras gazetas exclusivas para crianças. Pensando nisso, a revista *O Malho* anunciava em suas páginas no dia 30 de setembro de 1905, na edição de nº159, a primeira revista infantil brasileira<sup>19</sup>:

Jornal das crianças

Está breve o dia em que as crianças no Brasil começarão a ler o seu jornal.

O Tico-Tico

aparecerá na 2ª quarta-feira de outubro próximo, dia 11. Nos dois últimos números d’O Malho já dissemos o que vai ser.

O Tico-Tico

O endiabrado seminário que destinamos à pequenada e que será como ela traquinas, risonho, dirrequieto, sendo-lhe ao mesmo tempo um amigo útil, porquanto em muitas cousas a ensinará divertindo-a.

Repleto de desenhos, muito coloridos, cheio de histórias engraçadas para meninos e meninas,

O Tico-Tico

leve e saltitante como indica seu nome, torna-se-á desde que aparecerá, a alegria, o prazer, a delícia das crianças de todo Brasil

Para maior interesse de suas paginas e estímulo dos seus pequenos leitores.<sup>20</sup>

*O Malho* era considerada a principal revista de publicações humorísticas e charginísticas do país durante o início do século XX, configurando-se como uma empresa jornalística moderna, que possuía máquinas com rápidas tiragens e que possibilitavam a publicação de

<sup>16</sup> BARBOSA, *op. cit.*, p.122-124

<sup>17</sup> BARBOSA, *op. cit.*, p.118

<sup>18</sup> GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2015. p.80.

<sup>19</sup> GONÇALVES, *op. cit.*, p.13.

<sup>20</sup> *O Malho*. Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1905. Nº 159, Ano IV.

imagens coloridas<sup>21</sup>. Antes da criação d’*O Tico-Tico*, a revista *O Malho* já publicava em suas páginas histórias clássicas infantis como os contos dos Irmãos Grimm e de Charles Perrault, adaptações feitas por “Décio de Pontes e Madame Chrysanthème, pseudônimo de Cecília Bandeira de Mello”. Com o surgimento desta nova cultura de consumo que emergia junto à modernização do país, as revistas ilustradas atraíam cada vez mais um novo público, que estaria “ávido por novidades”<sup>22</sup>. Dentro das preocupações da Sociedade *O Malho* estava a de instruir, principalmente as crianças. Durante a Primeira República, o saber ler e escrever estava diretamente ligado aos novos projetos políticos que veiculavam a instrução como sinônimo do alcance pleno da “cidadania política”, visto que, os homens que possuíam participação plena na sociedade e possuíam o direito ao voto eram “brasileiros adultos e alfabetizados do sexo masculino que não fossem soldados ou religiosos”, os demais estavam impossibilitados de usufruir de seus direitos civis<sup>23</sup>.

Para a criação da revista *O Tico-Tico*, a Sociedade *O Malho* recebeu o auxílio dos intelectuais Manoel Bomfim, que além de exercer a profissão de médico também foi “professor e pensador social, o jornalista Renato de Castro e o poeta Cardoso Jr”<sup>24</sup>. A revistinha possuía um conteúdo educacional voltado para o ensino e aprendizagem das crianças<sup>25</sup>. Durante os séculos XIX e XX, houve massivos investimentos na educação infantil brasileira com o intuito de formarem cidadãos honrosos e revistas como *O Tico-Tico* surgiram dizendo pretender auxiliar nessas estratégias educacionais. Como é possível ver no anúncio citado acima, o propósito era ensinar divertindo. Segundo Alexandre Rocha da Silva, existia uma intencionalidade de transformar a revista num lugar onde as crianças poderiam aprender sem a necessidade do auxílio de um adulto<sup>26</sup>. Após iniciarem suas publicações, outras revistas infantis surgiram como *Juquinha*, *Guri* e *Cômico*, porém a fama que *O Tico-Tico* ganhou não abria espaço para que outras gazetas pudessem fazer tanto sucesso entre as crianças<sup>27</sup>.

Com isto, este capítulo pretende apresentar a revista *Tico-Tico*, destacando suas principais características e ressaltando suas intenções junto ao seu público leitor e a maneira

---

<sup>21</sup>Sobre *O Malho*, ver: GONÇALVES, R. F. . *O Malho, a imprensa empresarial e a criação da revista O Tico-Tico*. Brasília: Journal for Brazilian Studies, v. 9, p. 278-311, 2020.

<sup>22</sup> GONÇALVES, *op.cit.*, p.13-15.

<sup>23</sup>TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Rio de Janeiro, UERJ: Dissertação de Mestrado, 2009. p.65-66.

<sup>24</sup>GONÇALVES, *op.cit.*, p.14.

<sup>25</sup>GOMES, Ivan Lima. *Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p.

<sup>26</sup>SILVA, Alexandre Rocha da. *Os Homens do Futuro – As Crianças de Hoje: Debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907 – 1919)*. Campinas: UNICAMP, 2018, p.15.

<sup>27</sup>VERGUEIRO; Waldomiro. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2017, p. 31.

como realizava tais projetos em suas páginas. Além disso, pretende-se apresentar aos leitores uma discussão bibliográfica a respeito de autores que já trabalharam com a revista *O Tico-Tico* como fonte de pesquisa, para que possamos pensar como questões como raça, trabalho, história e sociedade estariam sendo pensadas e transmitidas para as crianças no início do século XX.

## I - Um tico sobre a primeira revista infantil brasileira

*O Tico-Tico* surgiu como um suplemento da revista *O Malho* e era publicado semanalmente, às quartas-feiras. Suas atividades tiveram início em 22 de novembro de 1905 e foram encerradas 57 anos depois, em 1977, quando foi publicada sua última edição. Em seus primeiros meses de vida, a revistinha custava 200 réis e possuía uma tiragem de 27 mil exemplares por semana. Já ao final do ano de 1906, a quantidade de impressões aumentou para 30 mil exemplares semanais<sup>28</sup>. O primeiro logotipo da revistinha foi criado por um dos precursores da Nona Arte no Brasil, Angelo Agostini:



Figura 1 - Logotipo de *O Tico-Tico*, concebido por Angelo Agostini.

Ao examinar o logotipo podemos destacar a presença da ave tico-tico bem ao centro da imagem e ao seu lado é possível encontrar várias crianças brincando. Pode-se perceber que suas imagens se assemelham à clássicas representações de anjos. Segundo Waldomiro Vergueiro, o nome dado a revista pode ser associado tanto ao pássaro comumente encontrado no Brasil como às escolas frequentadas pelas crianças em seus primeiros anos escolares, denominadas no início do século XX como “Escolinhas Tico-Tico”<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> *O Tico-Tico*, Hemeroteca Digital, 1906.

<sup>29</sup> VERGUEIRO, *op.cit.*, p. 27.

Ao traçar a história da criação da revista, destacamos que o que tornou a revistinha realmente famosa na sociedade brasileira, segundo os estudiosos que já se debruçaram na análise do periódico, foram suas publicações de histórias em quadrinhos. Os quadrinhos movimentaram grande parte da “indústria gráfica brasileira” durante o início do século XX, gerando altos lucros para os “grupos editoriais”. O que fazia dessas publicações tão famosas é que, além delas proporcionarem uma maior interação com as crianças, elas também permitiam que crianças não alfabetizadas pudessem olhar as imagens sequenciais e compreendessem as histórias contidas em suas páginas. Tais imagens eram “concebidas como as iluminuras medievais” e foram utilizadas como “instrumento do conhecimento ao qual teriam acesso os pobres e analfabetos”<sup>30</sup>.

As primeiras publicações de quadrinhos no Brasil surgiram de decalques feitos de histórias em quadrinhos estrangeiras, o processo de decalque consistia basicamente em transferir os desenhos para um papel especial, passando inicialmente “para as pedras litográficas” e posteriormente para as “chapas de zinco”<sup>31</sup>. O que inspirou os escritores d’*O Tico-Tico* a trazerem as histórias em quadrinhos para suas páginas foi o enorme sucesso que elas faziam nas revistas infantis publicadas na França. Essas publicações estrangeiras contavam com obras de autores como Dickens, Verne e com os desenhos de Gustavo Doré<sup>32</sup>. Apesar de seu sucesso na França, as histórias em quadrinhos surgiram em Nova York, nos Estados Unidos, ao final do século XIX, justamente com o “objetivo de atrair novos leitores”<sup>33</sup>.

Ainda que a revista tenha sofrido uma influência marcadamente francesa, as histórias em quadrinhos publicadas no Brasil eram decalcadas, sobretudo do jornal *The New York Herald*<sup>34</sup>, publicado nos Estados Unidos. A história em quadrinhos mais amada pelas crianças e jovens brasileiros foram as “*As Desventuras de Chiquinho*”. Publicada sempre na contracapa da revista e em cores, a seção dedicada ao menino Chiquinho ficou popularmente conhecido na revista *O Tico-Tico*. De ascendência européia e criado por uma família burguesa, Chiquinho vivia inúmeras aventuras e era sempre repreendido moralmente por Papai e Mamãe quando aprontava, a popularidade da seção se deu devido à proximidade criada entre as histórias do garoto e as crianças que consumiam a revista, que chegavam até

---

<sup>30</sup> SILVA, *op. cit.*, p.12-14.

<sup>31</sup> SILVA, *op. cit.*, p.26.

<sup>32</sup> GOMES, *op. cit.*, p.5-6

<sup>33</sup> ALMEIDA, *op. cit.*, p.64

<sup>34</sup> ALMEIDA, *op. cit.*, pp. 64 a 65.

mesmo a enviar correspondências à redação da revista em busca de maiores informações sobre o garoto<sup>35</sup>.



Figura 2 - “As desventuras de Chiquinho – os inconvenientes da popularidade”. O Tico-Tico, ed. 17. 31/01/1906, p.16. Autografia, s/c.

Chiquinho é um menino loiro que brinca, se diverte e apronta muito junto do seu fiel escudeiro, o cachorro Jagunço. Após publicarem durante vários anos as histórias das desventuras de Chiquinho, descobre-se que, na verdade, estas histórias não passavam de decalques de uma história em quadrinhos publicadas no *The New York Herald*. Segundo Silva, Chiquinho era uma releitura dos quadrinhos intitulados *Buster Brown*, personagem que também possuía um cão chamando *Tige*<sup>36</sup>. Embora seja um decalque, a história de Chiquinho não deixou de desenvolver suas próprias características brasileiras, incluídas pelo decalcador das histórias, Luís Gomes Loureiro. Segundo Silva, Loureiro insere, por exemplo, o menino negro Benjamin, que trabalha na casa de Chiquinho e se mete em muitas confusões por conta do menino. Para além disso, Loureiro e todos os outros decalcadores que colaboraram com as histórias de Chiquinho buscavam dar seus próprios sentidos às histórias, sobretudo, para que estas pudessem passar algum ensinamento para os pequenos leitores. De acordo com o

<sup>35</sup> SILVA, *op.cit.*, pp. 68 a 76.

<sup>36</sup> SILVA, *op.cit.*, p.21.

pesquisador Alexandre Silva, “Chiquinho serviu de exemplo às crianças” e esperava-se que com essas histórias as crianças pudessem aprender alguns “ensinamentos do mundo dos adultos”<sup>37</sup>.

Apesar de grande parte das histórias publicadas na revistinha *O Tico-Tico* serem apenas decalques de histórias já publicadas internacionalmente, os autores buscavam inserir nessas histórias traços que pudessem lembrar ou se integrar à cultura brasileira, tornando o universo das histórias mais familiar ou reconhecível ao público nacional. Histórias como “*As Desventuras do Chiquinho*”, “*As aventuras de uma criada*”, “*Tonico no fundo do mar*” e muitas outras são decalques de histórias internacionais e elas não eram apenas replicadas e assinadas por outros autores, mas passavam por uma série de análises. Tais histórias, segundo indica Alexandre Silva, foram “objeto de discussão, seleção, censura e tradução”<sup>38</sup>, sobretudo no intuito de dar um sentido de lição. Além disso, diferentemente da realidade, as histórias publicadas na revista tinham como objetivo retratar a “simplicidade” do país. Como mostram as figuras abaixo, o Brasil retratado nesses quadrinhos é um país rural e livre onde aparecem muitas árvores, mato e animais “como vacas e cavalos soltos”. Nelas, os personagens geralmente estão de “botas, chapéu de palha, macacão e camisas listradas”. A imagem que a revista tenta passar é de um país sem conflitos e “favoráveis às brincadeiras de crianças”, tentando passar uma “falsa ideia de nação pacífica e ordeira”, possivelmente sem conflitos entre o mundo rural e urbano, bem como sem conflitos raciais, entre outros<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> SILVA, *op.cit.*, p.75.

<sup>38</sup> SILVA, *op.cit.*, p.76.

<sup>39</sup> SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro. *As Representações do Brasil nos quadrinhos nacionais: o rural, o urbano e o pop*. São Paulo: Líbero, 2016, p. 134.



Figura 3 - “A fuga de Lamparina”. *O Tico-Tico*, ed. 1202. 17/10/1928, p.1. Autografia, J. Carlos.

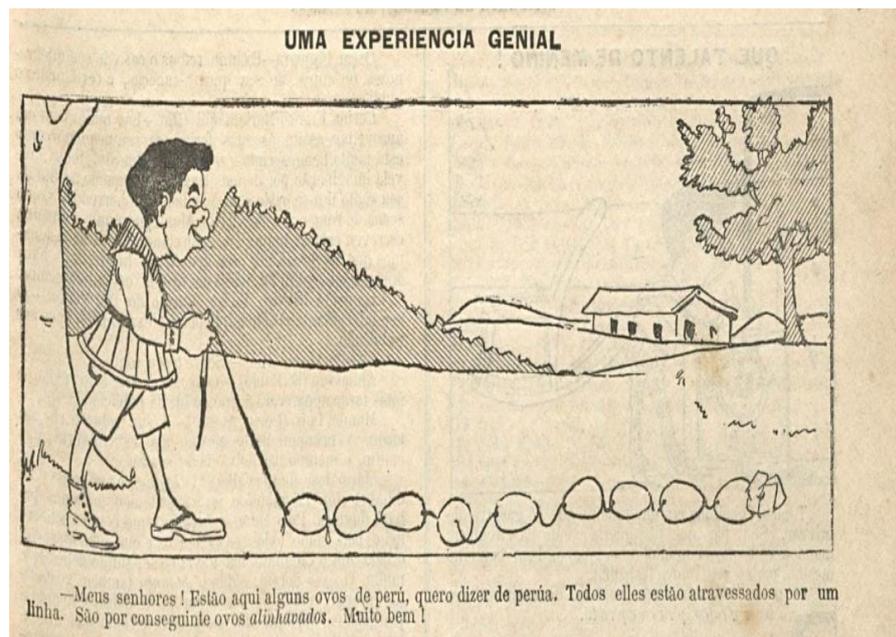


Figura 4 - “Uma experiência genial”. *O Tico-Tico*, ed.16. 24/01/1906, p.5. Autografia, Leonidas.

Além de Chiquinho, *O Tico-Tico* possuía inúmeras outras sessões amadas pelas crianças, como “As lições do Vovô”, “Conto da Carochinha” - que geralmente eram publicadas na terceira página da revista e traziam histórias de contos de fadas – “História do Brasil em figuras”, “A arca de Noé”, entre outras. Ademais, a revista possuía páginas de entretenimento, como as “páginas de armar”<sup>40</sup>, divulgação de concursos que envolviam

<sup>40</sup> As páginas de armar eram brinquedos de papel para serem recortados e montados pelas crianças.

desenhar ou escrever uma história, além das famosas “páginas para crianças” que compunha diversas atividades de recortes e colagens<sup>41</sup>.



Figura 5 - “Página de armar”. *O Tico-Tico*, ed.01. 22/11/1905, p.22. Autografia, Luís Gomes Loureiro.

SABONETE DE REUTER para crianças

**O Tico-Tico**

**O DIAMANTE DA FADA Pirueta**

(CONTO DA CAROCHINHA)

**A maldade da fada Carantonha**

Quando a princesa Laura nasceu, o rei seu pai, que governava um grande reino, mandou chamar todas as fadas do seu país. Não esqueceu, nem mesmo uma muito velha e muito má, a fada Carantonha, com quem seu avô tivera uma questão. Carantonha aceitou o convite e o rei ficou muito satisfeito, pensando que ela esporearia o reino: vieram as fadas, deram à princesa Laura beleza, graça, firmeza e muitos outros dotes preciosos. Depois chegou a fada Carantonha, e disse: — Apesar de tudo isso não serás feliz, porque serás má!

O rei e a rainha ficaram muito tristes. Só faltava faltar uma jovem fada, linda e boa como ninguém, a fada Pirueta, que ainda não tinha feito presente algum à Laura. Tocou com a sua varinha de couro o rosto da rainha e logo as lágrimas que corriam pelo rosto da infeliz mãe se transformaram em um collar de perolas.

O rei e a rainha ficaram muito tristes. Só faltava faltar uma jovem fada, linda e boa como ninguém, a fada Pirueta, que ainda não tinha feito presente algum à Laura. Tocou com a sua varinha de couro o rosto da rainha e logo as lágrimas que corriam pelo rosto da infeliz mãe se transformaram em um collar de perolas.

salto sobre ella, segurou o diamante com o bico e voou, desaparecendo, logo depois.

O rei e a rainha ficaram desesperados, vendo a princesa voltar para casa sem o diamante. Mandaram arautos por todo o reino annunciando que dariam um grande premio a quem matasse o maldito passaro. Organizaram-se mais de cem caçadas, mataram uma porção de passaros pretos, mas nenhum se parecia com o que roubara o diamante da princesa.

O rei decidiu então reunir o conselho de ministros, que resolveram que se devia ir procurar a fada Pirueta. Foi o rei, e a fada lhe disse assim: — O passaro negro que roubou o diamante da princesa não é uma ave como qualquer outra. Deve ser um genio máo que está ao serviço da fada Carantonha. Só pela força e que se pode vencer-o.

Voltando ao seu palacio, o rei pediu aos principes, aos fidalgos, aos generaes e aos soldados que fossem immediatamente buscar o diamante magico.

Todos abaixaram a cabeça, sem responder. O rei prometteu dar a filha em casamento a quem fosse buscar a preciosa joia. Mas a fada Carantonha era tão feroz que, nem mesmo os mais valentes se atreveram.

Então Camillo, um pagão que andava muito triste por ver o rei e a rainha chorando tanto, sahio sem dizer cousa alguma e foi a procura do diamante. Depois de andar um dia inteiro chegou ás margens de um lago, no meio do qual havia uma ilha coberta de espessa floresta.

Camillo procurava em vão um bole para atravessar o lago, quando viu passar uma pombinha branca perseguida por um gravio. A pombinha estava já tão cansada, que cahiu mesmo junto do pagão. Este, levado pelo seu bom coração, ergueu-se, pegou num canelo e com elle apançou o gravio que, desconcertado pelo atropello inesperado, largou a pombinha que já segurava em suas garras ferreiras. Depois quiz se alisar sobre Camillo, mas o pagão não lhe deu tempo: com uma caçada certeira, matou-o logo.

Então Camillo voltou-se para procurar a pombinha, mas começava novamente a voar, segurando no bico um ninho abandonado que apanhara ao pé de uma arvore.

Figura 6 - “O Diamante da fada Pirueta (conto da carochinha)”. *O Tico-Tico*, ed.16. 24/01/1906, p.3-4. Autografia, Merlin.

<sup>41</sup> SILVA, *op.cit.*, pp. 42-43.

Como dito anteriormente, a revistinha foi criada com o intuito de ajudar a instruir e educar as crianças e, por este motivo, era comum encontrar em suas páginas seções específicas que ajudavam nessa instrução. Algumas dessas seções apresentavam até mesmo um incentivo ao trabalho, deixando claro que as crianças não poderiam ser vadias. Em muitas de suas páginas estavam presentes falas sobre a necessidade de estudar e trabalhar para ser alguém na vida, como por exemplo, na historieta intitulada “Trabalho e preguiça”, publicada na revista no ano de 1906, em sua edição de nº40. Nesta história, dois amigos, Carlos e Raul, vão se constituir em dois modelos de conduta. Por um lado, temos Carlos, que gostava de estudar e trabalhar desde pequeno. Por outro, está Raul, representado como preguiçoso, que não gostava de fazer nada. Ao final da história, Carlos, que estudou e trabalhou muito, se tornou bem-sucedido. Já Raul, em sua displicência e preguiça, será encontrado morando na rua e sem emprego. Com tom moralizante, a revista reproduzia uma série de discursos que circulavam no Brasil sobre disciplina do trabalho e vadiagem. O projeto político republicano visava consolidar os ideais da elite intelectual do país que propunham a consolidação dos valores e morais burgueses, sendo assim, em 11 de outubro de 1890, através do Decreto Lei nº 847, o ato de vadiar ou se embriagar passaram a ser passíveis de punição com prisão<sup>42</sup>

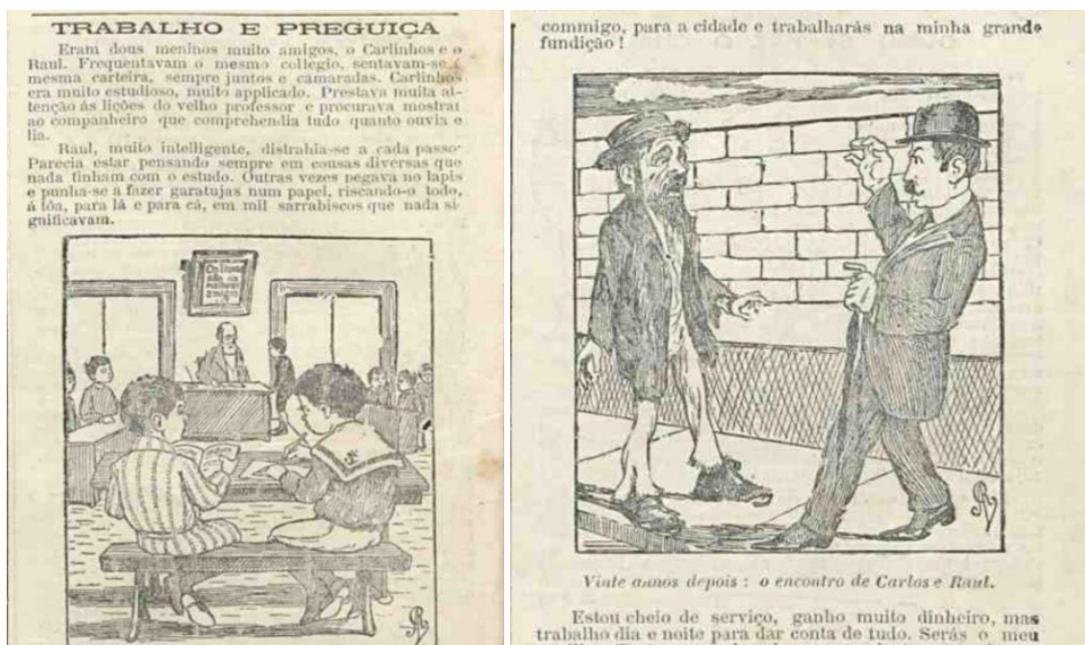


Figura 7 - “Trabalho e preguiça”. *O Tico-Tico*, ed.40. 11/07/1906, p.4-5. Autografia, Desconhecida.

<sup>42</sup> PATROCLO, L. B. *As mães de famílias futuras: a Revista o Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925)*. *Cadernos de História da Educação*, 2019, p.73.

Histórias como a de Carlos e Raul representam apenas um exemplo, mas era comum encontrar esse tipo de narrativa que fizesse com que as crianças confrontassem a si mesmas e pudessem pensar em seus futuros<sup>43</sup>. Além disso, havia seções específicas para dar instrução às crianças, como a seção intitulada “O que os meninos não devem fazer”, era publicada em cada edição com uma lista de instruções, como mostra o texto abaixo. Nele, o autor - desconhecido – fala sobre o ato de jogar, repudiando tal atitude que gera um vício e faz com que as crianças percam um tempo que poderiam estar utilizando para estudar e trabalhar:

O que os meninos não devem fazer

Jogar

IV

Se o jogo em geral é uma péssima distração para as crianças, o do bicho, especialmente, é uma calamidade, porque, sendo o que todos os dias se faz com a maior facilidade, e aquele que mais se entranha nos seus costumes ou habito, é, como diz a regra, uma segunda natureza.

Parecendo ser lucrativo, dissemos assim, parece realmente porque o menino que joga um tostão e por acaso acerta e ganha dois mil réis, pensa que fez um alto negócio; no dia seguinte arrisca, por exemplo, dez tostões e... Fica sem eles no outro dia vão mais cinco tostões, ou só mais dois, ou só mais um, e quem torna a comer todo esse cobre é... O banqueiro, que fica sempre com 24 bichos, jogando contra o bicho em que o freguês jogue em muitos bichos, sendo um só premiado, em vinte e cinco, a proporção é sempre a mesma: 24 do bicho contra 1 do freguês, seja qual for.

Sendo assim, o prejuízo é certo, mais dia menos dia. Podem fazer as combinações que fizerem, a verdade é esta: no final de certo tempo o menino que joga no bicho perdeu muitas horas de tranqüilidade, de estudo, de trabalho, e uma soma de dinheiro que, posta a guarda nas mãos da vovó, servir-lhe-ia para comprar um par de botinas, uma roupa, um cavalo e até mesmo um automóvel, ou casa!<sup>44</sup>.

Além de seu conteúdo pedagógico, as revistas deste período serviram como espaço para que os escritores empreendessem grandes debates sobre temas e questões políticas e sociais do seu contexto histórico. Tais pretensões pedagógicas da revista *O Tico-Tico* tornaram-se terreno fértil para que seus editores e colaboradores fizessem de suas páginas locus de debates de temas sobre projetos políticos e sociais para o Brasil<sup>45</sup>. Ou seja, os criadores e escritores da revista, segundo Alexandre Rocha da Silva, tinham como objetivo criar um ideal de infância, construindo, com destreza, os futuros homens e mulheres do país através do ensino<sup>46</sup>. Levando em consideração as crianças que possuíam acesso à educação no Brasil, no início do século XX, é fácil supor que a revistinha estaria dialogando diretamente

<sup>43</sup> GONÇALVES, *op.cit.*, p.18.

<sup>44</sup> “O que os meninos não devem fazer”. *O Tico-Tico*, ed.01. 22/11/1905, p.20. Autografia, desconhecido.

<sup>45</sup> Segundo Leonardo Pereira, a imprensa no século XIX, de modo geral, foi espaço privilegiado para discussões encabeçadas por jornalistas e escritores que se viam com a missão de discutir projetos modernizadores para o Brasil. Sobre isso ver, por exemplo, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras. Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

<sup>46</sup> SILVA, *op.cit.*,

com crianças brancas de classe média, com idade entre 8 e 12 anos e que estariam ligadas ao que se entendia por processo de modernização, apoiado, sobretudo, pela burguesia<sup>47</sup>. Mesmo que existisse esse direcionamento de público, segundo a pesquisadora Roberta Ferreira Gonçalves, os autores da revista apoiavam a ampliação do ensino para todas as classes sociais, acreditando que somente assim a nação seria capaz de progredir e alcançar o “nível de modernidade e civilização das nações européias”. A autora conclui que, inspirados nas experiências vivenciadas na Europa, a “instrução” passa a ser vista como “fundamental para alcançar o nível de civilização desejado por estes intelectuais”<sup>48</sup>.

## II. Divertir, ensinar e formar o futuro do país

Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em trabalho intitulado *Literatura Infantil Brasileira – História & Histórias*<sup>49</sup>, o processo de ensino-aprendizagem ganha um espaço de destaque na sociedade brasileira do início do século XX e com isso crescem as “campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola”<sup>50</sup>. *O Tico-Tico*, segundo elas, zelava por suas publicações educativas e estava sempre buscando “o aval do público adulto”. Ou seja, a revista, segundo as autoras, priorizava publicações educativas, para que também pudesse “transitar com facilidade na sala de aula ou, fora dessa, substituí-la”<sup>51</sup>. Essa intencionalidade de formar as próximas gerações com conteúdos, sobretudo, educativos e de aprendizados sociais, foi explorada por diversos pesquisadores que buscaram compreender quais as intenções da revista ao trazer esse tipo de conteúdo em um momento de grandes transformações sociais no Brasil.

Dentre os estudos existentes sobre a revista, e que enfatizam a forma como nas páginas do periódico estavam inseridos alguns projetos de nação, está o de Alexandre da Rocha Silva, intitulado “Os Homens do Futuro – As Crianças de Hoje: Debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907 – 1919)”. Nessa obra, Silva trabalha com a questão da expectativa gerada em torno dos “homens do amanhã”, principalmente no início do século XX, observando em suas análises como os adultos, “sobretudo das classes dirigentes e da intelectualidade, concebiam a criança como um devir, um vir a ser para o país que buscavam

<sup>47</sup>GOUVÊA, citado por NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. *Entre o Grotesco e o Risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil*. 2015. P.72.

<sup>48</sup> GONÇALVES, *op.cit.*, 17-89

<sup>49</sup> LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. Editora Ática, 2007.

<sup>50</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, *op.cit.*, p.26.

<sup>51</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, *op.cit.*, p.159.

construir”. Ou seja, segundo Silva, havia uma expectativa de melhoria do país com as gerações futuras se estas fossem bem instruídas durante a infância.<sup>52</sup> Essas expectativas da revista *O Tico-Tico*, apontadas por Silva, em torno das crianças, podem ser visivelmente percebidas, por exemplo, se pararmos para analisar algumas das publicações feitas na seção da revista intitulada “Lições do Vovô”. Segundo Silva, tal seção possuía um conteúdo marcado por “dicas” para os jovens leitores de como se portar na sociedade, além de trabalhar determinados assuntos escolares de forma divertida como estudos de biologia, botânica, paleontologia e astronomia<sup>53</sup>. Para além disto, é importante destacar que o autor desta seção, de narrativas do vovô mais querido pelas crianças segundo a revista, José Lopes dos Reis, constantemente fazia apontamentos sobre “política nacional e internacional, das greves operárias, dos casos de polícia”<sup>54</sup>.

Para este autor, *O Tico-Tico* foi um importante espaço de debates, com seus conteúdos educativos e seu viés pedagógico. Segundo Silva, autores como Loureiro, Yantok, Storni e Leônidas, além de publicarem suas obras, artigos e desenhos, tentavam implementar em seus ensinamentos assuntos não muito debatidos com crianças, mas que eram de extrema importância. Entre esses assuntos estavam temas envolvendo problemas sociais e estruturais da sociedade brasileira. Exemplos dessas estratégias seriam publicações como “Uma lição de civismo”, historieta que seria uma demonstração de esforço que “artistas gráficos, caricaturistas, literatos e intelectuais” tiveram para trabalhar “os problemas no pós-Abolição, concebendo saídas para um problema social que a política institucional do regime republicano demonstrou ser incapaz de solucionar”.<sup>55</sup> A respeito disso, Silva conclui que, com essas histórias, os artistas gráficos de *O Tico-Tico* conseguiram sintetizar um dos maiores problemas sociais vividos naquele momento, os conflitos sociais que persistiam na sociedade brasileira, sobretudo no que diz respeito ao silêncio da cor que se instaurou após a abolição da escravidão no Brasil.

Roberta Ferreira Gonçalves, por sua vez, em sua dissertação de mestrado intitulada “*A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico*”, analisa a criação da revistinha e o trajeto que ela percorreu dentro dos seus dois primeiros anos de vida 1905 e 1906. Com isso, a autora pretende compreender as ferramentas utilizadas pelos criadores da revista para atingir o grande sucesso da publicação. Gonçalves acredita que um dos principais fatores para o sucesso da revista se deu pelo engajamento de *O Tico-Tico*

---

<sup>52</sup> SILVA, *op.cit.*, p.15.

<sup>53</sup> SILVA, *op.cit.*, p.128.

<sup>54</sup> SILVA, *op.cit.*, p. 138.

<sup>55</sup> SILVA, *op.cit.*, p.235.

com as questões discutidas no momento histórico de sua produção, questões essas que envolviam os projetos políticos pedagógicos que debatiam a regeneração e reconstrução da sociedade brasileira, pensados principalmente pela burguesia brasileira, que visava investir na educação das crianças, sobretudo brancas de classe média, que acompanhavam de perto a ascensão da classe burguesa e o crescimento do capitalismo. Tais espaços na revista pretendiam moldar o futuro do país a partir das crianças. Apesar de visar os projetos da burguesia, a revista, segundo Gonçalves, não deixou de ser um importante espaço para o “exercício da crítica” à sociedade construída e moldada pela burguesia na Primeira República, os intelectuais responsáveis pelas publicações de histórias nas páginas da revistinha infantil, acreditavam na mudança social e estrutural do país através da educação dos jovens brasileiros, já que de acordo com experiências europeias, a instrução se deu como principal meio para alcançarem o “nível de civilização desejado por estes intelectuais”. Em 1906, a revista já se encontrava “plenamente estabelecida” e apresentava conteúdos principalmente sobre “orientação moral, cívica e pedagógica”. Além de seu conteúdo pedagógico, a autora argumenta também que os autores que publicavam na revistinha teriam se apropriado de instrumentos que naquele período faziam mais sucesso entre os leitores, tais como “a charge, a caricatura e a história em quadrinhos”<sup>56</sup>. Desta forma, Gonçalves percorre em sua dissertação, o caminho que leva a primeira revista infantil brasileira ao seu grande sucesso, recuperando o contexto em que ela foi criada e analisando parte do conteúdo presente na revista, concluindo que a revista *O Tico-Tico* fez parte de um projeto moldado pelos intelectuais responsáveis pelas publicações na revista e que visavam a reconstrução do país através da educação.

Patrícia Santos Hansen, por sua vez, em sua dissertação de doutorado, busca em seu primeiro capítulo intitulado “*Um país novo, “onde quase tudo ainda está por fazer”*”, discorrer sobre o ideal de infância criado no início da Primeira República. Assim como Silva, Hansen analisa o novo *status* ao qual a criança é inserida e como “*O Tico-Tico*” fez-se presente nesse novo projeto pedagógico visando a criança como o futuro da nação. Com isso, a autora perpassa pelas criações nacionais que são direcionadas às crianças. Entre essas ações estão o “primeiro serviço de pediatria na Policlínica Geral do Rio de Janeiro em 1881”, o “primeiro Instituto de Proteção e Assistência à Infância” em 1899, entre outros. Com todas essas novas diretrizes voltadas especialmente para as crianças, os intelectuais veem uma oportunidade de mudar a realidade do país através da educação infantil e se empenham em contribuir com suas

---

<sup>56</sup>GONÇALVES, Roberta Ferreira. *A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

publicações em jornais e revistas voltados para o ensino/aprendizagem das crianças e adolescentes.

Além das pesquisas em torno dos projetos pedagógicos da revista, alguns outros autores buscam analisar, através d'*O Tico-Tico*, as representações de sujeitos como homens e mulheres negras, escravos, indígenas e outros. Marcolino Gomes de Oliveira Neto, por exemplo, em seu artigo *Entre o Grotesco e o Risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil*<sup>57</sup>, busca compreender os estereótipos criados em torno na mulher negra e suas representações nos quadrinhos, levando em conta que a produção desses desenhos eram feitas majoritariamente por homens brancos “movidos por pensamento racista”. Para fazer tal análise, Neto observa a construção de três personagens de grande visibilidade nas revistinhas para as crianças, são elas: “Lamparina por J. Carlos em 1924, Maria Fumaça por Luiz Sá em 1950 e Nega Maluca por Newton Foot em 1995”, todas publicadas na revistinha *O Tico-Tico*. Segundo Neto, as três personagens são construídas com traços “grotescos” possuindo olhos, orelhas, boca e pés de tamanhos exagerados, desenhadas também com pouco cabelo, fazendo uma alusão de que a “distância que as separava de um macaco era “mínima”, já que os cuidados com os cabelos crespos estaria “associado a estratégias individuais de construção da identidade negra”<sup>58</sup>. A partir da análise dessas três personagens - que estão presentes em diferentes momento do século XX – e através do discurso sobre a lógica do dispositivo de Michel Foucault, Neto defende seu argumento de que apesar das “mudanças ocorridas ao longo do século XX” a maneira como a mulher negra é vista e retratada, não mudou de forma significativa, ora elas são retratadas de forma sexualizada, ora como portadoras de um intelecto que se aproxima ao de um animal.

Outro trabalho não menos importante pertence a Nobuyoshi Chinen, *O papel do negro e o negro no papel – representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiro*<sup>59</sup>. Nesta dissertação o autor busca expor considerações a respeito da imagem do negro na imprensa nacional e internacional, passando principalmente pelos estereótipos e preconceitos criados em torna da imagem de homens e mulheres negras e, sobretudo a respeito da imagem cômica que os autores daquele momento gostariam de passar. Chinen apresenta que a comicidade sempre esteve presente nas histórias em quadrinhos e em alguns casos a graça presente na história estaria nos estereótipos, “na distorção fisionômica,

---

<sup>57</sup>NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. *Entre o Grotesco e o Risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil*. 2015. 21p.

<sup>58</sup> NETO, *op. cit.*, pp. 71 a 73.

<sup>59</sup>CHINEN, Nobuyoshi. *O papel do negro e o negro no papel – representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*. São Paulo: 2013. 296p.

no exagero”<sup>60</sup>. Em seu trabalho, o autor trás todos os aspectos presentes na comicidade dos quadrinhos e analisa as principais revistas que publicavam quadrinhos no início do século XX, sendo elas, *O Tico-Tico* e *Gazeta Infantil*, além das revistas *Chiclete com Banana*, *Geraldão* e *Piratas do Tietê*, publicadas em 1981. Interessante notar que Chinen aborda desde a “origem da figuração cômica do negro”<sup>61</sup> até a representação dos negros nos quadrinhos brasileiros, que surgiram de uma referência marcadamente estrangeira, onde homens e mulheres negras eram retratadas de formas grotescas e ingênuas, desprovidas de inteligência. Assim, essa estereotipação da figura de homens e mulheres negras contribuem para a percepção distorcida que homens brancos fazem dos negros. Chinen concluiu que ao longo de 140 anos de publicações de histórias em quadrinhos, os personagens negros foram poucos ou mal representados e que este cenário só passou por mudanças após a intensa mobilização dos negros. O trabalho de Chinen é uma grande contribuição para que possamos compreender como surgiu a figura do homem negro nas histórias em quadrinhos e como se deu seu processo de representação ao longo do século XX.

Com os trabalhos citados acima, percebemos a importância da revista “*O Tico-Tico*” como fonte de análise para pensarmos e analisarmos questões como raça, classe, gênero, trabalho, entre outros. Como vimos a revista é publicada em um momento de intensas discussões, principalmente a respeito da inserção dos negros e pessoas de baixa renda na sociedade. Sua primazia em educar não é para nada, há a necessidade, sobretudo por parte dos intelectuais de construir e moldar essa nova sociedade brasileira. A revistinha mais aclamada pelas crianças durante o século XX faz inúmeras publicações que nos faz pensar que tipo de sociedade está sendo constituída durante o período pós-Abolição. Os autores aqui listados nos mostram como a revista *O Tico-Tico* tenta forjar através de seu conteúdo uma imagem do Brasil, do trabalho, da cidadania, da História e todos estes trabalhos contribuem para o propósito desta monografia de analisar a seção de “História do Brasil em figuras” pensando, sobretudo, em que tipo de história do Brasil está sendo constituída e apresentada para as crianças do início do século XX.

---

<sup>60</sup> CHINEN, *op.cit.*, p.41.

<sup>61</sup> CHINEN, *op.cit.*, p.47.

## CAPÍTULO II - Nossa História em quadrinhos

Desde 1870 a escolarização vem sendo pauta de inúmeros debates no Brasil e uma das questões centrais para os intelectuais do final do século XIX versava sobre como seria estimulado nos jovens brasileiros um sentimento de patriotismo. Para esses intelectuais o ensino seria um dos caminhos principais para mudanças na sociedade brasileira. É importante ressaltar que os debates em torno do ensino e da aprendizagem das crianças surgem em um momento de grande tensão política e social acerca dos analfabetos, excluídos desde a reforma eleitoral de 1881 do direito ao voto<sup>62</sup>. Além disso, nos últimos anos da escravidão e nos anos seguintes do pós-abolição, discutiu-se intensamente a necessidade de incluir socialmente crianças e jovens pretos na sociedade. Dessa maneira, o ensino passa a ser visto como o único meio de inserir tais sujeitos socialmente em seus direitos plenos de cidadania<sup>63</sup>. Silvio Romero, em 1890, publicou o livro *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*, livro que agradou explicitamente “homens de letras”, pois além de instruir as crianças sobre a História do país, esta também auxiliava na criação de um sentimento nacionalista<sup>64</sup>. A obra de Romero foi direcionada às classes primárias do ensino, sua primeira edição foi lançada em 1890 pela Livraria Editora Francisco Alves, nela Romero “reúne educação história e cívica”. *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis* trata dos homens que tornaram o progresso da população brasileira possível, além de apresentar o motivo pelo qual eles ganharam tal *status*. Podemos sugerir que a obra teve seu prestígio, já que obteve nove edições<sup>65</sup>.

O trabalho de Romero foi apenas uma das muitas publicações que viriam a ser feitas com o intuito de instruir os jovens brasileiros<sup>66</sup>. O início do século XX foi marcado por uma

---

<sup>62</sup>Sobre o direito ao voto, ver: CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; SOUZA, Felipe. *Direitos políticos em depuração: a Lei Saraiva e o eleitorado do Recife entre as décadas de 1870 e 1880*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

<sup>63</sup>ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. P. 127.

<sup>64</sup>ROMERO, Silvío. *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*. 8ª edição corrigida e acrescida. (Prefácio e vocabulário de João Ribeiro). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908; Silvío Vasconcelos da Silveira Ramos Romero foi um escritor, político, professor e historiador da literatura brasileira. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº. 17. Foi também pensador social, folclorista, poeta, jornalista e crítico literário. Era sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

<sup>65</sup>GUSMÃO, E. M. *Contribuições de Silvío Romero para o currículo da escola elementar no século XIX*. Educação em Revista, [S. l.], v. 11, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/2321>. Acesso em: 13 jan. 2023.

<sup>66</sup>Alguns dos trabalhos que surgiram após a publicação de Romero, foram: *A História de São Paulo pela biografia de seus vultos mais notáveis* de Tancredo do Amaral, *Biografias de brasileiros ilustres* do padre

política de modernização, adotada no país, na qual uma das ferramentas viabilizadoras do projeto era a educação infantil, considerada um dos principais objetivos dessa nova era. Isso porque se acreditava que, através dos estudos e do trabalho, as crianças e adolescentes brasileiros poderiam mudar os rumos do país. Assim, o período de escolarização adquire um novo significado (social e político) e os debates em torno dos métodos de ensino passavam a ganhar cada vez mais espaço<sup>67</sup>. Os grandes jornais tomam para si mesmos a responsabilidade não só de debater o futuro da educação no país, como parte deles assume a tarefa de produzir material ou publicações voltadas para o universo infantil, cujo objetivo seria o de difundir o conhecimento entre crianças e jovens<sup>68</sup>. Foi assim que nasceu a revista *O Tico-Tico*, cuja proposta de auxiliar no ensino/aprendizagem e no comportamento e ética das crianças e adolescentes brasileiras se tornou conhecida. Suas páginas, cheias de cor e histórias em quadrinho, voltadas para o entretenimento e também para a educação, foram desenhadas com o objetivo de formar homens e mulheres que iriam construir o futuro do país<sup>69</sup>.

Desde seu primeiro número a revistinha vinha inovando os parâmetros jornalísticos do país. Sendo a primeira revista a trazer histórias em quadrinhos para suas páginas, *O Tico-Tico* utilizou de tais histórias, que possuíam grande visibilidade junto ao público leitor, para circular e divulgar práticas pedagógicas e patrióticas, tentando atingir também a parcela da população não letrada. Podemos observar a implementação dessas estratégias de ensino sendo colocadas em prática logo em suas primeiras páginas. Um exemplo disso é a seção intitulada “História do Brasil em figuras”, que se destaca por ser uma história em quadrinhos que narra, de forma bem humorada e despretensiosa, a História do Brasil. Vinculada, entre outras, às propostas pedagógicas da revista, visto o forte cunho nacionalista presente nas mensagens e

---

Raphael Maria Galanti, *Brasileiros Ilustres* de Liberato Bittencourt. Sobre essas obras, ver: DE JESUS SANTOS, M. F. *Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria: Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917)*. *Antigos jesuitas en Iberoamérica*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 42–62, 2020. DOI: 10.31057/2314.3908.v7.n2.27670. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/article/view/27670>. Acesso em: 15 dic. 2022.

<sup>67</sup>Sobre educação na Primeira República ver: NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2ª edição. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1976; PALMA FILHO, J. C. *A República e a educação no Brasil: Primeira República (1889-1930)*. Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação – 3. ed. São Paulo: PROGRAD/ UNESP/ Santa Clara Editora. 2005, p. 49-60; RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira – a organização escolar*. 13. ed. rev., ampl. Campinas (SP): Editora Autores Associados, 1993.

<sup>68</sup>SILVA, *op. cit.*, p.15.

<sup>69</sup>Sobre o papel educacional da revista ver: GONÇALVES, Roberta Ferreira. *A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista o Tico-Tico*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011; VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. dos. *A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos*. *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 23-34, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42300>. Acesso em: 3 dez. 2022; ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

desenhos da coluna, a “História do Brasil em figuras” parecia querer cumprir o papel de servir para a educação infantil, visando, entre outras coisas, criar um sentimento de união e coletividade entre os brasileirinhos<sup>70</sup>.

Publicado sequencialmente na revista *O Tico-Tico*, “História do Brasil em figuras” foi criada pelo autor e cartunista Leônidas Freire. Freire era cearense, descendente do herói brasileiro André Vidal de Negreiros e saiu do Ceará rumo ao Rio de Janeiro quando ainda era jovem, montado em um burro e com menos de vinte mil réis no bolso<sup>71</sup>. Freire inseriu-se no meio jornalístico através do jornal *Correio da Manhã*, onde foi reconhecido por seus desenhos. Posteriormente entrou para o grupo da revista *O Malho*, na qual ajudou a fundar a revista *O Tico-Tico*. Seu trabalho mais célebre na revista são as histórias em quadrinhos intituladas “História do Brasil em figuras”. Em 1915, Leônidas partiu para a Inglaterra, retornando ao Rio de Janeiro apenas em 1922, quando trabalhou em vários jornais como caricaturista e jornalista. Em 1943 foi tomado por uma enfermidade falecendo deixando sua esposa e filhos<sup>72</sup>.

Freire foi responsável por criar, escrever e desenhar os quadrinhos “História do Brasil em figuras”, publicados entre os anos de 1905 a 1907<sup>73</sup>. Durante o ano de 1905, a seção que tinha por objetivo recontar a história do país através de desenhos, estreou logo na primeira edição d’*O Tico-Tico*, já no ano de 1906 as histórias estavam presentes em 43 das 50 edições que contemplam o segundo ano da revista<sup>74</sup>. Nessas 43 edições, as histórias do Brasil recontadas em quadrinhos versavam sobre episódios que haviam se passado entre os anos de 1624 a 1831. Já no ano de 1907, a seção “História do Brasil em quadrinhos” apareceu em 19 das 38 edições do terceiro ano da revista, contemplando o período de 1831 a 1870<sup>75</sup>. Geralmente a seção “História do Brasil em figuras” era publicada mais ao final da revista, mas não havia uma página específica para os quadrinhos de Freire. Contudo, podemos considerar que esta foi uma importante seção da revista, visto que ela foi publicada desde seu

---

<sup>70</sup>GONÇALVES, Roberta Ferreira. *As aventuras d’O Tico-Tico: formação infantil no Brasil republicano (1905-1962)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

<sup>71</sup>André Vidal de Negreiros foi um governador e líder militar do Brasil. Obteve o título de herói por exercer um papel de destaque nas guerras holandesas do século XIX. Sobre Vidal, ver: PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. *Vidal de Negreiros: um homem do Atlântico no século XVII*. In: OLIVEIRA, Carla Mary S.; MENEZES, Mozart Vergetti de; GONÇALVES, Regina Célia. *Ensaio sobre a América Portuguesa*. João Pessoa: Universitária, 2009, pp. 53-67.

<sup>72</sup> *Jornal Dom Casmurro*, 19 de dezembro de 1942, p.3.

<sup>73</sup> Infelizmente não há como definirmos até com precisão até quando as histórias em quadrinhos em questão foi publicada, isso por que no ano de 1907 e 1908 há poucas edições disponíveis.

<sup>74</sup> Faltam as revistinhas de números de 1 a 12.

<sup>75</sup> Faltam as revistinhas de números 64 e 68 a 81.

primeiro número e perdurou – até onde sabemos – por três anos consecutivos naquele periódico. Além disso, ela era uma das poucas seções que sempre foi publicada em cores, conforme a imagem abaixo:



Figura 8 - "História do Brasil em figuras. Reacção Nativista - Revolução de 1817". *O Tico-Tico*, 22/11/1905. Nº 01.

Os temas apresentados sobre a História do Brasil em “História do Brasil em figuras” para as crianças variaram entre revoluções, revoltas, conquistas e alguns feitos atribuídos aos heróis da pátria brasileira. Grande parte das histórias davam destaque sobre as conquistas dos portugueses em solo brasileiro, contudo, não devemos descartar a pluralidades apresentada por Freire sob cada uma dessas conquistas, como podemos observar na imagem acima. No terceiro quadro podemos ver homens brancos e negros sentados juntos à mesa, o que nos dá um vislumbre da construção da pátria brasileira. Na quarta ilustração há oficiais negros fardados, seriam eles nativistas pernambucanos lutando por uma mesma causa. Com essa construção de imagens feitas pelo autor há um esforço em destacar a participação de todos os pernambucanos na luta contra os holandeses, demonstrando um sentimento de união que se alastra em prol de uma mesma causa, o Brasil. Em alguns casos, como nas edições de n.º23 e 24, onde é contada a história de Zumbi, um dos líderes do Quilombo dos Palmares, acaba se dando destaque e visibilidade para a história de um importante personagem negro para o país<sup>76</sup>. Mas isso não foi a regra da seção, que privilegiou outro tipo de personagem da história brasileira. Assim como os temas, eminentemente políticos, os personagens principais também eram majoritariamente homens brancos, aos quais foram atribuídos grandes conquistas e feitos, retratados muitas vezes como heróis nacionais. Entre essas personagens, por exemplo, estava D. João VI, rei português que se instalou no Brasil entre os anos 1808 a 1821, que ganhou quatro edições consecutivas da seção. Tal série de publicações nos chamam atenção devido aos inúmeros detalhes sobre o cotidiano na colônia apresentado pelo autor, além dos detalhes imagéticos muito bem construídos e repletos de detalhes, como podemos observar na imagem abaixo:

---

<sup>76</sup> “História do Brasil em figuras. Os Palmares - Sua destruição (1967)”. *O Tico-Tico*, 14/03/1906. Nº 23.

## A HISTORIA DO BRAZIL EM FIGURAS

### Chegada de D. João VI



1) Este é D. João VI, que no reino de Portugal, em 1807, vendo que Napoleão Bonaparte, o legendario e assombroso imperador dos francezes, ia invadir o solo portuguez, preparou-se precipitadamente com toda a familia real para deixar a Europa, vindo para o Brasil.



2) Poucos dias depois, uma esquadra composta de sete náos, cinco fragatas, dois brigues e duas chalupas, velejava em pleno mar conduzindo a côrte portugueza, que chegou á Bahia no dia 21 de janeiro de 1808.



3) Na Bahia, José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrol, que era o seu conselheiro, fez com que D. João VI assignasse uma carta regia dando liberdade a todos os pretos do Brazil para fazerem negocio de commercio com os navios de qualquer nacionalidade. D. João VI que apezar de tomar enormes pitadas de rapé era um grande estadista, reflectiu um pouco e concordou com o visconde, prestando um grande serviço á nossa terra.



4) Da Bahia dirigiu-se D. João VI para o Rio. D. João era grande apreciador das bellas artes. O aspecto pittoresco da entrada da nossa bahia encantou-o. O magestoso gigante de pedra cuja cabeça é formada pelo morro da Gavea e os pés pelo *pdo d'ossucar*, deixou D. João com a bocca aberta, babando-se de admiração.



5) D. João gostava dos pretos e esses ainda mais d'elle, que era bondoso e affavel. Naquelle tempo os brancos não queriam que a irmandade do Rosario fosse ao caes receber a familia real, porque quasi todos os dessa irmandade eram pretos. Mas os esportos irmãos faziam questão de receber D. João VI, sahiram da igreja, sobraçando as cruces, e outros objectos do culto e gritando: — Nós tambem somos *ño* de Deus.



6) No dia 7 de março de 1808, ás 5 horas da tarde, desembarcava D. João VI com grande pompa. Toda a cidade estava em festa e o povo demonstrava muito entusiasmo. A rainha, que se achava um pouco doente, dirigiu-se logo com seus filhos para os aposentos que lhes foram destinados. Mas D. João, garboso, sob um *pallium*, e aclamado por todos, foi em procissão até á antiga cathedra que nesse tempo era a Igreja do Rosario.

Figura 9 - "História do Brasil em figuras. Chegada de D. João VI". *O Tico-Tico*, 13/06/1906. Nº 86.

Aqui podemos perceber mais uma vez, o esforço que o autor faz para demonstrar a intensa participação popular em momentos históricos. Mostrando que o Brasil é formado por homens e mulheres, brancos e negros. A imagem acima é da primeira aparição de D. João VI na revista, publicada em 13 de junho de 1906, na edição de N°36<sup>77</sup>, e relata sua chegada ao Brasil, onde é recebido de forma afável pela irmandade do Rosário, formada, sobretudo por homens negros. É importante notarmos que na legenda da quinta ilustração, Freire destaca que os brancos não queriam a presença de negros na recepção da família real, porém, eles impõem sua vontade e reivindicam seu direito de recepcionar o rei, indo até o porto carregando diversos objetos religiosos. Na última ilustração, o autor trás em primeiro plano a imagem da sociedade brasileira mestiça, podemos observar, mais uma vez, homens brancos e negros cercando a figura do rei. A série de publicações voltadas para o período de D. João VI, destaca o cotidiano na colônia desde a sua chegada em 1808 até a primeira vitória na guerra do país contra a Argentina, ocorrida no ano de 1825 a 1828. Nesta série, D. João VI é apresentado como um bom rei amado e idolatrado por todos, inclusive por homens e mulheres negras<sup>78</sup>. Ao longo da revista algumas outras personalidades importantes vão aparecer nas publicações da seção, como Napoleão Bonaparte, André Vidal de Negreiros, Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), José Bonifácio, D. Pedro I, entre outros.

A figura do homem negro se faz bastante presente nas edições do ano de 1906. Esses personagens geralmente são retratados de forma estereotipados, porém, diferente das histórias que utilizam desses estereótipos para gerar comicidade, Freire apenas segue um padrão de representação. Como podemos observar nas imagens anteriormente analisadas, seus personagens negros estão inseridos nos quadrinhos para mostrar a participação de figuras negras nos processos históricos do país. Com isso, o autor reforçando a ideia de que a História do Brasil é formada pela participação diversificada do povo, sendo eles indígenas, brancos, negros, mulheres, ou homens, trabalhando com um ensino de história plural.

A presença feminina, por sua vez, também é constante na revistinha e dessa forma não é diferente nos quadrinhos de “História do Brasil em figuras”<sup>79</sup>. Durante o ano de 1906, por outro lado, percebe-se apenas um papel de destaque representado por uma mulher, conhecida como D. Clara Camarão. Tal personagem, como uma exceção ao modo de representar as

---

<sup>77</sup> “História do Brasil em figuras – Chegada de D. João VI”. *O Tico-Tico*, ed. 36, 13/06/1906, p.16.

<sup>78</sup> A série de publicações dedicada ao reinado de D. João VI foi publicada entre 13 de junho a 01 de agosto de 1906 e encontra-se entre a 36ª a 43ª edição.

<sup>79</sup> Sobre a presença feminina na revista *O Tico-Tico*, ver: PATROCLO, L. B. *As mães de famílias futuras: a Revista o Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925)*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2015.

mulheres na história do Brasil, obteve um papel de destaque na edição de n.º17 por comandar um batalhão de outras mulheres que lutavam contra os holandeses<sup>80</sup>:



Figura 10 - “História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)”. *O Tico-Tico*, 24/01/1906. N.º 16.

A legenda diz:

D. Clara Camarão, seu marido e o preto Henrique Dias foram sublimes de dedicação nessa longa viagem, eles socorriam a todos, escoltavam famílias que iam encontrando em lugares desertos, e lhes matavam a fome e a sede. Durante tantas léguas – gramadas – nunca se cansaram e as vezes até serviam de médicos, animando os que já não podiam mais:  
- Deixe disso camarada! Então você não aguenta o repuxo? Vamos tomar esse confortante e arribar! ... de guerra não nega o nome!<sup>81</sup>

Clara Camarão aparece também nas edições de número 16 e 17 e em nenhum momento é citada como uma mulher indígena, porém através das características atribuídas a ela no desenho, como os olhos, a cor de pele e as roupas que ela veste, pode-se deduzir que ela era uma indígena, além do fato de ser citada como esposa de Dom Antônio Felipe Camarão, o índio Poti. A participação das esposas de chefes indígenas nas guerras era comum

<sup>80</sup>“História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)”. *O Tico-Tico*, 31/01/1906. N.º 17.

<sup>81</sup> “História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)”. *O Tico-Tico*, 24/01/1906. N.º 16.

nas aldeias Tupis, porém, a participação de Clara Camarão das “Guerras de Restauração” gerou um grande impacto “nos registros e representações de crônicas que tratam do tema”<sup>82</sup>. Tal exaltação a personagem da Potiguar Dona Clara Felipa Camarão pode ser observada, por exemplo no registro de Manuel Calado:

Na guerra da restauração de Pernambuco obtentou D. Clara mulher do Governador dos Índios D. Antonio Felipe Camarão o seu insigne valor com os mais illustres realces; porque armada de espada, e broquel [escudo], e montada em hum Cavallo, foi vista nos conflictos mais arriscados ao lado do seu marido com admiração do Olandez, e aplausos dos nossos [...]<sup>83</sup>.

Apesar de Dona Clara Camarão ser uma mulher em destaque, ou seja, como protagonista dos eventos narrados, ela não é a única que aparece na seção, outras mulheres aparecem em 19 das 43 edições publicadas no segundo ano da revista. Por vezes, essas mulheres que aparecem são negras, representadas com vestidos simples, na maioria das vezes descalças e assim como os homens negros, elas também possuem feições exageradas como lábios, pés e orelhas grandes, como podemos observar na figura abaixo:

---

<sup>82</sup> FARIAS, Erika Karine Gualberto de. *Mulheres indígenas imersas nas lutas: vivências e ações femininas nas guerras e conflitos ao Norte da América Portuguesa (1576-1770)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, Recife, 2014. pp.59-60.

<sup>83</sup> COUTO, 1904, p.524 apud FARIAS, 2014, p.60.



Figura 11 - “História do Brasil em figuras. Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)”. *O Tico-Tico*, 18/04/1906. Nº 28.

De acordo com Marcolino Gomes de Oliveira Neto, por vezes a mulher negra foi retratada com feições estereotipada nas histórias em quadrinhos, visto que grande parte dos autores dessas histórias são homens brancos que carregam consigo uma visão preconceituosa do corpo feminino, sobretudo negro e reforçam a imagem da mulher negra de forma animalésca. São recorrentes as imagens em que as mulheres são apresentadas de forma subjugada, como no exemplo acima, onde elas aparecem, sobretudo as duas mulheres negras de vestido vermelho ao fundo da imagem, “dançando descompassadamente como se não tivessem autocontrole”<sup>84</sup>. Apesar dessa visão estereotipada que Freire trás para seu desenho, também devemos levar em conta que as pessoas da imagem acima estão comemorando a vitória sobre os francezes, demonstrando assim que a população estaria inteirada sobre as discussões políticas e sociais da época, incluindo mulheres negras, possivelmente escravas, pois se encontram descalças.

A presença de figuras escravizadas nas imagens da seção *História do Brasil em figuras* chama atenção porque no momento em que ela era produzida, devido ao processo de modernização ao qual o Brasil passava ou almejava passar, instaurou-se uma política de “esquecimento” do período da escravidão. Isso porque, no início do século XX, o período escravista foi considerado período de retrocesso, que teria “manchado” e que manchou a

<sup>84</sup> NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. *Entre o Grotesco e o Risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil*. 2015. 21p.

História da sociedade brasileira<sup>85</sup>. Freire, porém, fez de suas publicações um meio para abordar o assunto com as crianças, embora isso fosse feito de forma um tanto discreta. Ou seja, sem fazer do tema da escravidão o centro do conteúdo discutido nas imagens. Dessa forma, Freire tentava fazer visível aquilo que se ocultou em meio a esse processo de modernização e esquecimento de uma parcela importante da História do Brasil.

Diante disto, este capítulo tem por objetivo analisar a seção de quadrinhos sobre a História do Brasil intitulada “História do Brasil em Figuras” (1905-1907), produzida pelo cartunista Leonidas Freire e publicada sequencialmente na revista infantil *O Tico-Tico*. Na análise aqui apresentada, nos concentramos em investigar o conteúdo selecionado e a construção imagética feita por Freire, com o objetivo de observarmos o que está sendo produzido e apresentado para a juventude brasileira a respeito da História do Brasil.

## II – A História do Brasil em Figuras

Durante os três anos de circulação da seção de “História do Brasil em Figuras” nas páginas d’*O Tico-Tico*, Leonidas Freire optou por trazer um conteúdo sequencial que perpassasse pela História do Brasil enfatizando as conquistas do país e os heróis republicanos. Todos esses conteúdos selecionados por Freire levam ao caminho de interpretar a História do Brasil até aquele momento, como uma sequência evolutiva de fatos que se sucederam e que foram necessários para a conquista da Independência do Brasil e posteriormente à Proclamação da República em 1889. Além de reforçar o conteúdo de História, a seção tinha como objetivo seguir com a concretização do comportamento patriótico, visto como importante pauta para a consagração do movimento de modernização do país imposto pela burguesia. A tabela abaixo reúne todos os títulos e conteúdos trabalhados e apresentados pela seção desde sua primeira aparição em 1905 até a última em 1907, presentes na Hemeroteca Digital.

---

<sup>85</sup> Sobre políticas/práticas de esquecimento da escravidão na Primeira República, ver: EVANIO, Jefferson. *A República Velha e a lógica do esquecimento nos compêndios escolares de História do Brasil (1889-1930)*. Vozes, Pretérito & Devi, Revista de História da UESPI. Ano VIII, Vol. XII, NºII. pp. 70-90. Piauí, 2021.

<b>Tabela 1 - levantamento de edições, datas e títulos da seção História do Brasil em figuras da revista <i>O Tico-Tico</i></b>		
<b>Edição</b>	<b>Datas</b>	<b>Títulos</b>
01 <sup>a</sup>	22/11/1905	História do Brasil em figuras – reacção nativista – revolução de 1817
14 <sup>a</sup>	10/01/1906	História do Brasil em figuras - tomada e restauração da Bahia (1624 a 1625)
15 <sup>a</sup>	17/01/1906	História do Brasil em Figuras - invasão e estabelecimento dos holandeses em pernambuco (1630 a 1639)
16 <sup>a</sup>	24/01/1906	História do Brasil em Figuras - invasão e estabelecimento dos holandeses em pernambuco (1630 a 1635)
17 <sup>a</sup>	31/01/1906	História do Brasil em figuras - prosperidade dos holandeses no Brasil - Mauricio de Nassau (1635-1644)
18 <sup>a</sup>	07/02/1906	História do Brasil em figuras - Revolta dos Pernambucanos - explosão dos holandeses (1645-1654)
19 <sup>a</sup>	14/02/1906	História do Brasil em figuras - a insurreição de Pernambuco - os holandeses expulsos (1645-1654) - O caso de Amador Bueno (1640)
20 <sup>a</sup>	21/02/1906	História do Brasil em figuras - Revolta de Manuel Beckman, no maranhão 1648-1685
22 <sup>a</sup>	07/03/1906	História do Brasil em figuras - Revolta de Manuel Beckman no Maranhão (1684 - 1685)
23 <sup>a</sup>	14/03/1906	História do Brasil em figuras - Os Palmares - Sua destruição (1697)
24 <sup>a</sup>	21/03/1906	História do Brasil em figuras - Os Palmares - Sua destruição (1697)
25 <sup>a</sup>	28/03/1906	História do Brasil em figuras - a guerra entre os paulistas e os emboabas (1708 a 1709)
26 <sup>a</sup>	04/04/1906	História do Brasil em figuras - emboabas e os bandeirantes (1708 a 1709)
27 <sup>a</sup>	11/04/1906	História do Brasil em figuras - novas invasões dos franceses no Rio (1710 a 1711)
28 <sup>a</sup>	18/04/1906	História do Brasil em figuras - novas invasões dos franceses no Rio (1710 a 1711)
29 <sup>a</sup>	25/04/1906	História do Brasil em figuras - novas invasões dos franceses no Rio (1710 a 1711)
30 <sup>a</sup>	02/05/1906	História do Brasil em figuras - novas invasões dos franceses no Rio (1710 a 1711)
31 <sup>a</sup>	09/05/1906	História do Brasil em figuras: as missões - sua sublevação (1756 a 1759)
32 <sup>a</sup>	16/05/1906	História do Brasil em figuras: as missões - sua sublevação - a expulsão dos jesuítas (1756 a 1759)
34 <sup>a</sup>	30/05/1906	História do Brasil em figuras - Conspiração de Tiradentes
35 <sup>a</sup>	06/06/1906	História do Brasil em figuras - condenação e execução de Tiradentes
36 <sup>a</sup>	13/06/1906	História do Brasil em figuras - chegada de D. João VI
38 <sup>a</sup>	27/06/1906	História do Brasil em figuras - alguns factos do tempo de D. João VI
39 <sup>a</sup>	04/07/1906	História do Brasil em figuras - alguns costumes do tempo de D. João VI
40 <sup>a</sup>	11/07/1906	História do Brasil em figuras - outros costumes e factos do tempo de D. João VI
41 <sup>a</sup>	18/07/1906	História do Brasil em figuras – mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI
43 <sup>a</sup>	01/08/1906	História do Brasil em figuras - O Reinado de D. João VI
44 <sup>a</sup>	08/08/1906	História do Brasil em figuras - reacção nativista - revolução de 1817
46 <sup>a</sup>	22/08/1906	História do Brasil em figuras - continuação da Revolução de Pernambuco em 1817
47 <sup>a</sup>	29/08/1906	História do Brasil em figuras - continuação da Revolução de Pernambuco em 1817
48 <sup>a</sup>	05/09/1906	História do Brasil em figuras - o constitucionalismo e o regresso da família real
49 <sup>a</sup>	12/09/1906	História do Brasil em figuras - Independência do Brasil de 1821 a 1822
50 <sup>a</sup>	19/09/1906	História do Brasil em figuras - aclamação e celebração de D. Pedro I - 1822
51 <sup>a</sup>	26/09/1906	História do Brasil em figuras - O 2 de julho na Bahia - 1823
52 <sup>a</sup>	03/10/1906	História do Brasil em figuras - Abertura e dissolução da Assembléia Constituinte. Confederação do Equador. - 1823-1824.
53 <sup>a</sup>	10/10/1906	História do Brasil em figuras - alguns factos do reinado de D. Pedro I - 1825-1827
54 <sup>a</sup>	17/10/1906	História do Brasil em figuras - um episódio da guerra com a Argentina 1828
55 <sup>a</sup>	24/10/1906	História do Brasil em figuras - acontecimento do fim do reinado de D. Pedro I
56 <sup>a</sup>	31/10/1906	História do Brasil em figuras - a abdicação de D. Pedro I - 7 de abril de 1831.
57 <sup>a</sup>	07/11/1906	História do Brasil em figuras - aclamação de D. Pedro II - 7 de abril de 1831
59 <sup>a</sup>	21/11/1906	História do Brasil em figuras - capítulo XXXV - reinado de D. Pedro II
60 <sup>a</sup>	28/11/1906	História do Brasil em figuras - factos da minoridade de D. Pedro II
62 <sup>a</sup>	12/12/1906	História do Brasil em figura - reinado de D. Pedro II
63 <sup>a</sup>	19/12/1906	História do Brasil em figuras - sublevação da ilha das cobras em 7 de outubro de 1831

66 <sup>a</sup>	09/01/1907	História do Brasil em figuras – Guerra do Madeira, no Ceará
67 <sup>a</sup>	16/01/1907	História do Brasil em figuras – Fim da guerra do Madeira no Ceará - 1831
83 <sup>a</sup>	08/05/1907	História do Brasil em figuras – A guerra do dictador Rosas – seu fim - 1852
87 <sup>a</sup>	05/06/1907	História do Brasil em figuras – A questão Christie – 1861 - 1863
88 <sup>a</sup>	12/06/1907	História do Brasil em figuras – A tomada de Paysandú - 1865
89 <sup>a</sup>	19/06/1907	História do Brasil em figuras – Episodios da tomada de Paysandú
90 <sup>a</sup>	26/06/1907	História do Brasil em figuras – Guerra do Paraguay 1864-1870
91 <sup>a</sup>	03/07/1907	História do Brasil em figuras – Guerra do Paraguay 1864-1870
92 <sup>a</sup>	10/07/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Batalha naval do Riachuelo – 11 de junho de 1865
94 <sup>a</sup>	24/07/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Batalha naval do Riachuelo – 11 de junho de 1865
95 <sup>a</sup>	31/07/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Batalha naval do Riachuelo – 11 de junho de 1865
96 <sup>a</sup>	07/08/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Ocupação e rendição de Uruguayana
97 <sup>a</sup>	14/08/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 –Rendição de Uruguayana
98 <sup>a</sup>	21/08/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – O passo da patria
99 <sup>a</sup>	28/08/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – A batalha de Tuyuty – 24 de Maio de 1866
102 <sup>a</sup>	18/09/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Um episódio da grande batalha de Tuyuty
104 <sup>a</sup>	02/10/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Bombardeio e ocupação de Curuzú
106 <sup>a</sup>	16/10/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – A chegada do Duque de Caxias ao campo do nosso exercito no Paraguay
108 <sup>a</sup>	30/10/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Arrebetamento de gado. – Contornamento da Fortaleza de Humaytá
110 <sup>a</sup>	13/11/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Uma prova de bravura e sangue-frio de Ozerio
113 <sup>a</sup>	04/12/1907	História do Brasil em figuras - Guerra do Paraguay 1864-1870 – Uma ascensão de balão

Com a tabela acima podemos observar que a seção de “História do Brasil em figuras” estréia nas páginas d’*O Tico-Tico* em 22 de novembro de 1905. Indo contramão à lógica sequencial dos fatos históricos, Freire opta por iniciar a seção apresentando a história da última revolta separatista de cunho republicano que ocorreu no período colonial<sup>86</sup>. Intitulada “História do Brasil em figuras reacção nativista – revolução de 1817”, essa foi uma escolha interessante para dar início a esta empreitada de recontar a história do Brasil através dos quadrinhos, com esta escolha o autor já sugere que tipo de história do Brasil ele está querendo construir no imaginário infantil republicano. Ao analisar a figura n°8 que pertence a esta primeira edição, podemos observar que o autor aborda uma revolução de cunho nativista e

<sup>86</sup> Sobre a Revolução de 1817, ver: LEITE, G. L.. *Pernambuco 1817: estrutura e comportamentos sociais*. Recife, Massangana, 1988; LIMA SOBRINHO, B. *Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador*. Recife, Conselho Estadual de Cultura, 1979; MELLO, E.C. de. *A ferida de Narciso. Ensino de História Regional*, São Paulo, Senac, 2001: \_\_\_\_\_. *Rubro Veio: o imaginário da restauração pernambucana. (1986)*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Topbooks, 1997; NEVES, G. P. “Revolta de 1817”. IN: M. B. N. da (coord.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa, Verbo, 1994, pp. 702-704.

para ilustrá-la ele trás em primeiro plano a imagem de homens brancos e pretos sentados juntos a mesa e destaca na legenda que os nativistas não aceitavam em suas mesas iguarias estrangeiras. No quadro ao lado podemos observar a presença de oficiais não brancos, que também estavam lutando contra a invasão. Dessa forma, podemos observar que com essa primeira edição o autor já apresenta que irá abordar uma história do Brasil com uma intensa participação popular. Esta é a única edição do ano de 1905 presente na Hemeroteca Digital e ao que tudo indica nas últimas edições desse mesmo ano e nas primeiras do ano de 1906, Freire retornou na história do Brasil abordando o processo de “descobrimento” seguindo assim, uma história linear.

O ano de 1906 também é caracterizado por falar sobre revoltas e revoluções, Freire retorna no tempo abordando os acontecimentos que antecederam a Revolução de 1817, trabalhando com o período de 1624 a 1831. Podemos destacar neste ano as edições que contam a história das invasões holandesas e francesas, Guerra dos Palmares, conspiração de Tiradentes, entre outras. Seguindo a lógica da primeira edição, o segundo ano da seção vai apresentar, sobretudo as revoltas nativistas e separatistas. Através dessas revoltas, Freire constrói uma narrativa plural da história do Brasil, destacando o nacionalismo da população que lutava por seus direitos e para defender o país de invasores. Neste mesmo ano, podemos destacar as várias referências que o autor faz à cultura brasileira, como por exemplo nas edições sobre o reinado de D. João VI que ganhou seis edições, todas dedicadas a este período. A temática se destaca das demais, já que em tais edições tem enfoque no cotidiano da vida na colônia. Ou as edições sobre o reinado de D. Pedro II que também abordam o cotidiano do Brasil Imperial. Como podemos observar na figura abaixo:

## HISTORIA DO BRAZIL EM FIGURAS

### CAPITULO XXXV – Reinado de D. Pedro II



Estes são o marquês de Caravellas, o brigadeiro Francisco de L. Silva e o senador Campos Vergueiro, que foram escolhidos para a regencia interina do pequeno imperador D. Pedro II. Nesse tempo, era grande a agitação em todo o país. O espirito revolucionario lavrava com intensidade.

Essa agitação não conhecia dia nem noite. De toda a parte o povo gritava: «Morram os chumbos!» «Vivam os brasileiros!» «Morram os papeletas!»

Os chumbos e os papeletas eram os portugueses.



3) Formaram-se tres partidos: o «Exaltado», o «Restaurador» e o «Moderado». Um queria prolongar a revolução de Abril, outro a reintegração do poder a D. Pedro I, e o outro queria levar paz pela via da prudência. Os distintivos dos partidos eram collocados no chapéo, mais acima, mais abaixo. E esses homens andavam pelas ruas numa curiosidade insultuosa, procurando reconhecer os adversarios.



4) Essas scenas quasi sempre acabavam em tumultos. O negocio esquentava, como diziam elles, e o péu trabalhava. Cabeças rachadas, pernas quebradas, ferimentos, mortes, era o que se via. Isso em todas as ruas, em todas as cidades, em todo o Brazil!!



5) As revoluções crescendo, as autoridades fizeram também crescer a sua vigilância. Os escravos, que andassem na rua depois das 8 horas da noite, iam presos para curtir 8 dias de cadeia.



6) Era prohibido andar armado, então os homens dos partidos escondiam grossos cacetes na calça, andando com a perna dura, fingindo rheumatismo. Todos eram revistados pelas patrulhas. Organizaram-se rondas nocturnas de cidadãos para evitarem disturbios.



E as vezes, quando a altas horas da noite, rompia uma sedição militar, os cidadãos accordavam sobresaltados para organizarem a resistencia, pegando as armas, que lhe estivessem mais proximas, como mãos de pilão, bacamartes, vassouras, machados, cacetes, etc. etc. E todos saíam para a rua, com os trages em que estavam.

Figura 12 - "História do Brasil em figuras. Capítulo XXXV – Reinado de D. Pedro II". *O Tico-Tico*, 21/11/1906. Nº 59.

Trazendo um panorama sobre o período do reinado de D. Pedro II, esta edição aborda brevemente o contexto político onde o marquês de Caravelas, o brigadeiro Francisco de L. Silva e o senador Campos Vergueiro foram selecionados para regirem o país, já que D. Pedro II ainda era menor de idade. Além disso, o autor destaca as intensas movimentações revolucionárias que emergiram neste período, além da criação dos partidos Exaltado, Restaurador e Moderado. Algumas regras instauradas para conter os movimentos de revolução também são citadas como a proibição de escravos nas ruas após as oito horas da noite e a proibição dos homens andarem armados. Nos quadros 5 e 6, podemos perceber um destaque para a intensa participação de homens negros nessas revoltas.

A Hemeroteca Digital possui apenas 38 edições da revista *O Tico-Tico* do ano de 1907, em 21 delas está presente a seção de “História do Brasil em figuras”. Neste terceiro ano da revista, a seção continua publicando eventos históricos relacionados com episódios de revoltas e guerras. Freire aborda – até onde sabemos – o período de 1831 até 1870. Dentre as 21 edições, 15 pertencem a uma série de publicações sobre a Guerra do Paraguai, correspondendo às edições de número 90 a 113, quando temos o último registro de aparição da seção na revista. Neste terceiro ano algumas mudanças são perceptíveis em relação à seção. A primeira delas é a mudança no *layout*, como podemos observar nas figuras abaixo:



Figura 13 - “História do Brasil em figuras. As missões – sua sublevação (1756 a 1759)”. *O Tico-Tico*, 09/05/1906. Nº 31.



Figura 14 - “História do Brasil em figuras. Guerra do Paraguay – 1864-1870. A batalha de Tuyuty – 24 de Maio de 1865”. *O Tico-Tico*, 28/08/1907. Nº 99.

Podemos perceber a mudança na fonte das letras e também no tamanho. Outra importante mudança ocorrida neste ano é que nem todas as edições possuem o formato de quadrinhos, já que algumas edições saíram com ilustrações que ocupam quase uma página inteira. A forma como os personagens são retratados também se modifica, uma vez que eles passam a ter traços mais precisos e realistas, trazendo maiores detalhes para as ilustrações. A imagem a seguir pertence à edição de número 113, última edição na qual a seção de “História

do Brasil em figuras” aparece na revista. Nela aparece o tema da utilização de balões como estratégia militar. Na imagem vemos balões sendo usados para a observação do território e para a transmissão de informações através de bandeiras. Não podemos dizer com toda certeza que a seção se encerra aqui, isto porque algumas edições estão faltando na Hemeroteca Digital. Supondo que esta tenha sido a última edição, podemos destacar que a cena com os balões remete ao universo lúdico e infantil, encantando as crianças com tal imagem. Além disso, o autor traz um vislumbre dos passos que a população brasileira estaria dando rumo à modernização, já que os balões podem ser associados às tecnologias inovadoras que estavam surgindo.

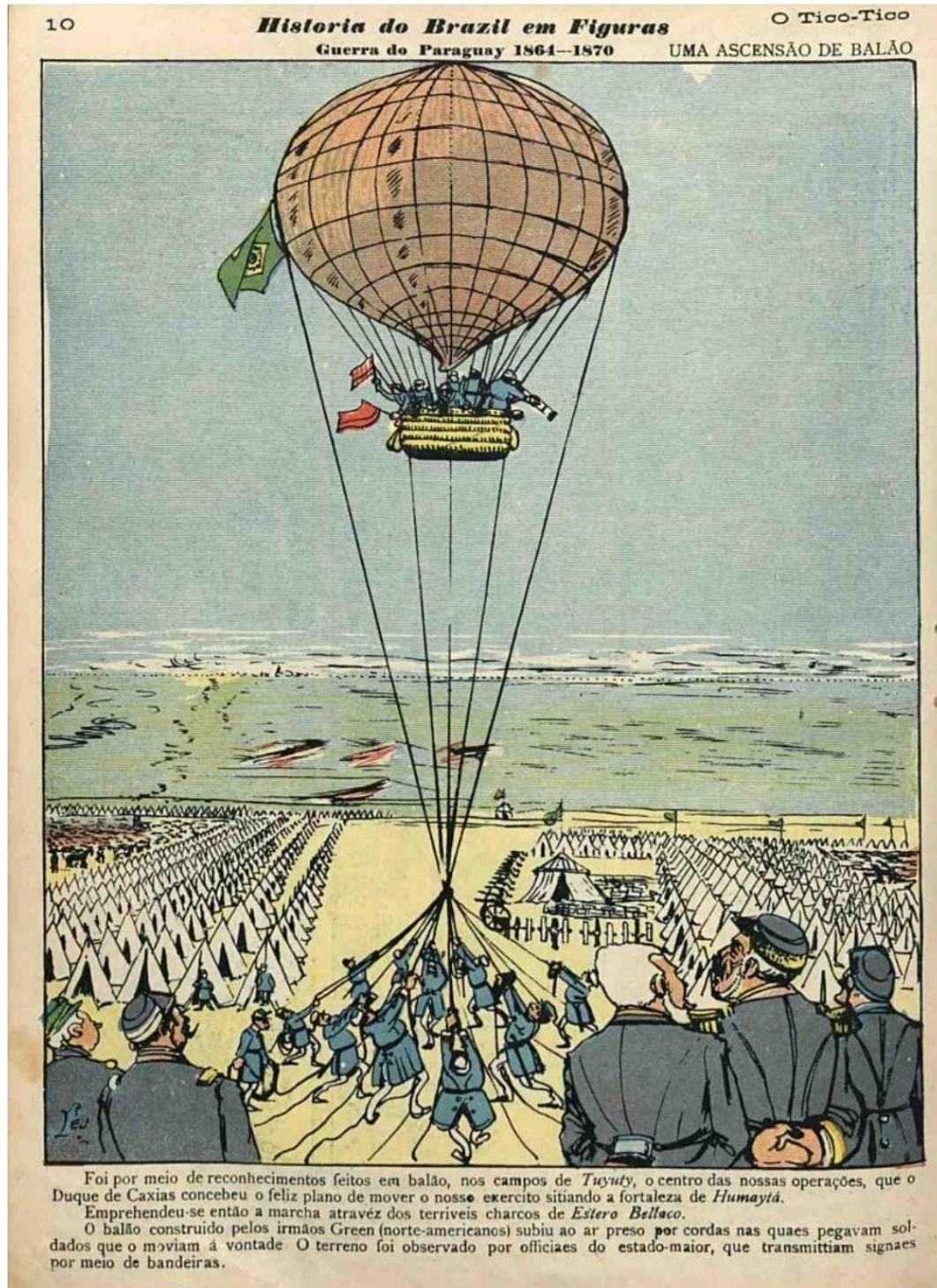


Figura 15 - "História do Brasil em figuras. Guerra do Paraguay – 1864-1870. Uma ascensão de balão". *O Tico-Tico*, 04/12/1907. Nº 113.

Diante das informações acima podemos concluir que as histórias escolhidas para compor seção de "História do Brasil em figuras" é propositalmente selecionadas para que a seção cumpra com seu papel de ensinar através dos exemplos, já que as histórias selecionadas remetem-se a personalidades históricas compreendidas como importantes formadoras de comportamento e caráter. Além disso, o autor utiliza-se dessas histórias para auxiliar no

ensino da história pátria, atrelando a ela seu propósito de apresentar uma história do Brasil com uma intensa participação popular nos assuntos políticos e sociais. É interessante notarmos que Freire tenta trazer e construir a História do Brasil através dos quadrinhos para que tais assuntos possam ser abordados e trabalhados de forma lúdica e divertida com as crianças, escolha que deu certo e chamou atenção dos leitores já que a seção perdurou por três anos consecutivos na revista.

### III. As inspirações de Freire

Além de escrever, Leônidas Freire também foi responsável por ilustrar a seção de “História do Brasil em figuras” e podemos dizer também que foi um dos precursores a ajudar a difundir as histórias em quadrinhos no país<sup>87</sup>. De acordo com uma análise de imagens feitas por Roberta Ferreira Gonçalves, Freire se inspirou, entre outras, em pinturas e imagens produzidas por viajantes para ilustrar alguns de seus quadrinhos, como é o caso da série de publicações que o autor fez sobre o período do reinado de D. João VI. Correspondendo às edições 36 a 43, esta é uma série de publicações que nos chama atenção por trabalhar com o “cotidiano da sociedade colonial, sobretudo dos escravos e da religiosidade cristã”. Uma das referências para compor os desenhos certamente está nas obras do artista francês Jean Baptiste Debret<sup>88</sup>. Este viajante possui uma série de pinturas sobre o Brasil, que foram produzidas em sua visita ao país através da *Missão Artística Francesa*, em 1816, que fez com que o artista se estabelecesse no Rio de Janeiro até 1831. A missão do pintor era difundir a cultura francesa para os brasileiros estabelecendo uma relação direta com a monarquia. Além disso, ele foi um dos responsáveis por criar a Academia de Belas-Artes brasileira. De acordo com Valéria Lima, na obra intitulada *J. –B. Debret, Historiador e Pintor – a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*, Debret sempre produziu intencionalmente, estabelecendo aquilo que ele gostaria que se tornasse conhecimento de seu público europeu. Para isso, segundo ela, ele selecionou imagens e momentos para reforçar seus argumentos sobre a escravidão e o futuro do Brasil. Os desenhos e relatos do viajante, segundo a autora, não eram meras cópias da realidade ou das cenas que assistia no Rio de Janeiro, mas pontos de vista e argumentos construídos sobre a escravidão e o futuro da sociedade brasileira. Lima argumenta que o

---

<sup>87</sup> GONÇALVES, Roberta Ferreira. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação infantil no Brasil republicano (1905-1962)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

<sup>88</sup> GONÇALVES, *op. cit.*, p.155.

pintor queria mostrar o caminho que país o estava percorrendo, destacando o futuro da nação diretamente ligado ao progresso da civilização brasileira. Debret estaria, segundo Lima, criando aquilo que ele gostaria que fosse a interpretação do Brasil. O pintor, dessa forma, estaria descrevendo um “projeto intelectual a respeito da marcha da civilização no Brasil”<sup>89</sup>. Dentre as imagens mais famosas da obra de Debret sobre o Brasil está a cena abaixo:



Figura 16 - Jean Baptiste Debret, *Le vieillard convalescent*. In: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3497>

Intitulada “Le vieillard convalescent”, a pintura está representando um senhor carregando um maço de velas, se dirigindo à igreja para cumprir sua promessa. É possível notar que o homem se encontra descalço e enfraquecido, já que está sendo amparado por sua família. De acordo com Lima, esta é uma pintura que representa para Debret a “relação das classes privilegiadas com a religião”. Segundo ela, para o pintor “os cultos e cerimônias religiosas no Brasil são esvaziados de significação, por vezes bárbaros e grotescos”. Desta forma, para Debret, com o tempo “os brasileiros civilizados” passariam a “abolir pouco a pouco o bizarro, então inútil, no culto da religião católica, que é ao mesmo tempo tão simples e tão nobre”<sup>90</sup>. Com a imagem acima, podemos observar parte da expectativa em torno do progresso na civilização brasileira, construída pela interpretação de Debret. Tal interpretação levou Freire a se inspirar em Debret trazendo uma outra perspectiva em torno da religião para as páginas d’*O Tico-Tico*. Como podemos observar na imagem abaixo:

<sup>89</sup> LIMA, Valéria. J. –B. Debret, *historiados e pintor: A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816 – 1839)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. pp. 29 a 40.

<sup>90</sup>LIMA, *op.cit.*, p.91.



Figura 17 - “História do Brasil em figuras. Outros costumes e factos do tempo de D. João VI”. *O Tico-Tico*, 11/07/1906. Nº 40.

Na edição de Nº40, publicada na data 11 de junho de 1906, Freire também traz um desenho que representa uma família branca se dirigindo até a igreja com o intuito de agradecer a Deus pela melhora do senhor, que está ao centro da imagem. Na figura, o senhor estaria levando em seus braços um maço de velas que deveriam ser deixadas na igreja em forma de gratidão, acompanhado por sua família. Logo atrás está um homem negro carregando o resto da oferenda a Deus que o senhor teria feito. Podemos notar a semelhança entre a pintura de Debret e a ilustração de Freire através dos detalhes, a presença da família branca ao centro da imagem, a criança que carrega velas ao canto esquerdo e o escravo no canto direito. Apesar de não possuir tantos detalhes como a pintura de Debret, Freire também faz uma seleção do que seria importante trazer para que as crianças pudessem compreender seus argumentos com relação à História do Brasil que está sendo apresentada pela revista. Freire faz, no entanto, uma interpretação diferente de Debret. Nesta releitura da obra, ele ressalta esse dever e devoção da família com relação à religião, comportamento este que é bem visto e até mesmo pregado pela revistinha, pois, está dentro dos parâmetros de comportamentos aceitos. Além disso, a legenda reforça a devoção religiosa ao descrever que os avós quando adoeciam faziam suas promessas e quando melhoravam iam até a igreja para cumpri-las. O homem negro ao fundo da imagem, carregando o restante do maço de velas prometido por seu senhor, não deixa de ganhar seu destaque. Descrito como “criadinho”, é

possível notar que ele é retratados com boas vestes e sapatos. Além disso, suas características físicas não estão repletas de exageros como lábios, orelhas ou pés avantajados. O fato de o escravo estar bem vestido nos remete a condição financeira da família, que possui condições de garantir boas vestes ao seu criado, sem que sua condição de escravo fique prejudicada, já que o mesmo está carregando o resto do maço de velas prometido<sup>91</sup>.

Na edição seguinte à da imagem acima, temos mais uma edição dedicada aos tempos de D. João VI, intitulada “História do Brasil em figuras - Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI”<sup>92</sup>, publicada em 18/07/1906. Como dito anteriormente, uma das características mais marcantes na obra de Debret é sua interpretação dos costumes brasileiros. Como a revista *O Tico-Tico* zelava pelos bons costumes e tradições, Freire selecionou, sobretudo as imagens que estariam relacionadas à religião, à cultura e aos costumes para apresentar aos pequenos leitores. As imagens abaixo representam mulheres que estariam saindo de sua cidade para passar o Natal com parentes.

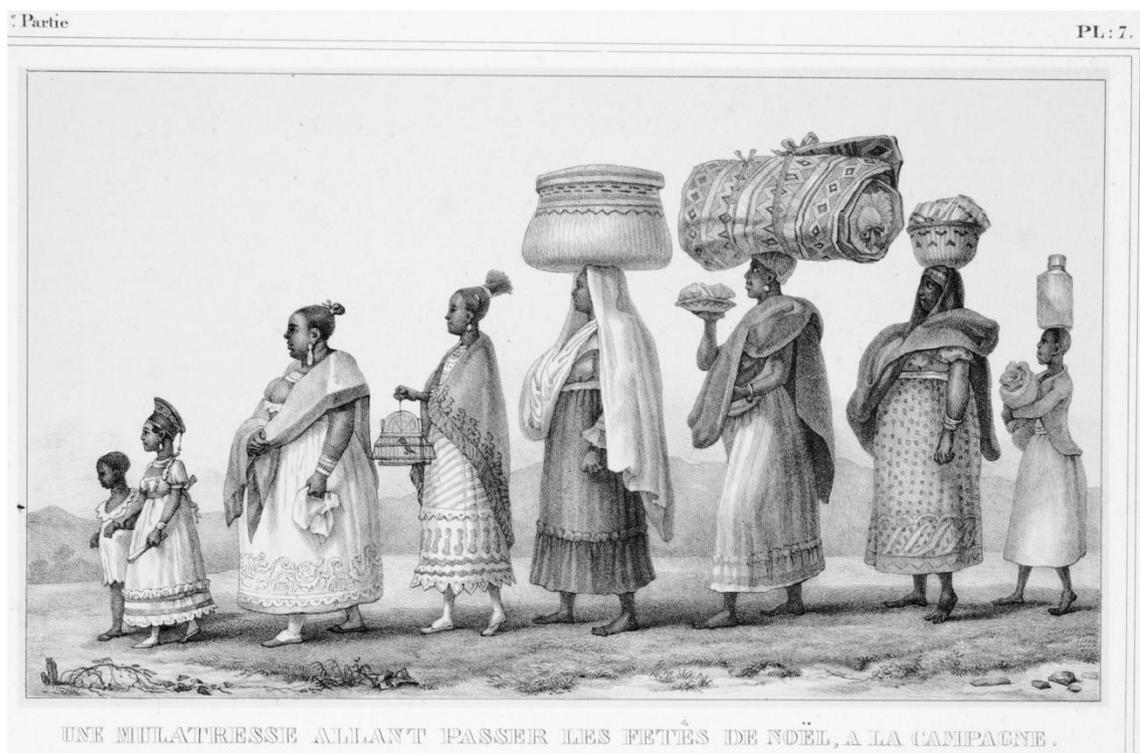


Figura 18 - Jean Baptiste Debret, *Une mulatresse allant passer les fêtes de Noël, a la campagne*. In: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3330>

<sup>91</sup> SENA, Malu Martins. *Diga-me como andam teus negros e te direi quem és: um estudo sobre a indumentária escrava como fator de distinção social no período colonial brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.

<sup>92</sup> “História do Brasil em figuras – Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI”. *O Tico-Tico*, ed. 41, 18/07/1906, p.16.



Figura 19 - “História do Brasil em figuras. Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI”. *O Tico-Tico*, 17/07/1906. Nº 41.

A figura 17, refere-se à obra *Une mulatresse allant passer les fetês de Noël, a la campacne*<sup>93</sup> de Debret. Lima vai dizer que o contraste entre os “tipos femininos” presentes na obra é o que mais nos chama atenção. Ao analisar a imagem, a autora faz a seguinte descrição: “A marcha começa pela pequena, mas já despótica, filha da mulata enriquecida. Carrega pela mão, como diz Debret, “o pequeno negrinho, seu burro de carga” e ao descrever a mula rica, Debret usa as seguintes palavras:

em seguida, vem a pesada mulata rica, em belo traje de viagem, que vai a pé a uma casa de campo situada em uma das extremidades dos bairros da cidade; sua negra, ama de quarto, segue-a e leva o pássaro querido. Nestas circunstâncias, a senhora se contenta, por interesse, com uma ama negra, para não comprometer sua cor.<sup>94</sup>

Freire é bem fiel ao desenho original no qual sua imagem se inspirou, ou seja, ele reproduz até mesmo os detalhes inseridos na obra de Debret. Contudo, devemos notar que na representação de Freire, ele “embranquece” algumas mulheres na obra, ao descrevela como “mulata” o autor pode ter compreendido que ela não era de fato uma mulher negra, suavizando a cor da sua pele. Também devemos destacar que algumas mulheres ganham sapatos na representação de Freire, podemos supor que o autor esteja tentando esconder sua

<sup>93</sup>Debret, Jean Baptiste. *Une mulatresse allant passer les fetês de Noël, a la campacne*. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3330>

<sup>94</sup>J. -B. Debret, 1965, p.128 apud LIMA, 2007, p. 292.

condição de escrava, trazendo uma visão para seus leitores de que todas ali pertencem a uma mesma família e estariam indo se divertir na casa de parentes. É interessante notar que, bem no canto direito do desenho, próximo à sua assinatura, Freire aparentemente deixou assinalado de onde teria surgido sua inspiração para a figura.

Segundo Lima, na imagem original, nesta obra Debret evidenciava a “vulgarização de sentimentos menos nobres entre parcela mais abastada da população” e por vezes retrata o “sentimento da vaidade” e evidencia que a realidade brasileira colonial vem, sobretudo, dos costumes de homens negros e mulheres negras. De acordo com a autora, o argumento de Debret seria mostrar que essa parte da população também estaria envolvida diretamente no processo de modernidade do país, por seus esforços e trabalhos<sup>95</sup>. Ao selecionar imagens que retratam o cotidiano na colônia, Freire, por sua vez, estaria destacando a cultura de homens e mulheres negras, escravos ou homens livres, quebrando com os paradigmas da República que tentava esquecer o passado escravocrata brasileiro, no intuito de forjar uma cultura mais europeizada, com costumes totalmente novos e modernizada, se afastando cada vez mais das origens do país.

Gonçalves faz uma breve análise da série de publicações sobre os tempos de D. João VI, criticando as representações estereotipadas dos personagens negros, além da falta de exibir os escravos “em suas práticas culturais e religiosas, ao contrário, mostram a adesão desta camada da população às práticas religiosas cristãs”, além disso, ela afirma que não há “nenhuma referência a qualquer tipo de tensão nas imagens e as legendas também não procuram explicar ou relativizar o contexto da escravidão”<sup>96</sup>. Devo concordar com a autora em alguns pontos por ela apresentados, sobretudo, no que diz respeito a explicar o contexto da escravidão, porém, não devemos anular o esforço que o autor faz para trazer – mesmo que de forma breve e um tanto estereotipada – um pouco sobre o cotidiano e a cultura negra. Diferente de muitos materiais construídos na época, Freire além de criar um material visual sobre o conteúdo de História, também tenta explicar a formação da pátria brasileira através da diversidade de povos que foram responsáveis por moldar a cultura brasileira.

Segundo Gonçalves, não se sabe ao certo como Freire teria tido acesso às obras de Debret, já que naquele período as obras do pintor circulavam apenas por “pequenos círculos intelectuais e artísticos” e sua famosa obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* foi publicada somente em 1940. A autora supõe que Freire poderia ter tido acesso às obras através da “edição francesa da obra do pintor” ou por meio de “coleccionadores e acervo

---

<sup>95</sup> LIMA, *op.cit.*, pp. 292 a 294.

<sup>96</sup> GONÇALVES, *op.cit.*, p.156.

museológico”. O que vale ressaltar é a dedicação de Leonidas Freire por tentar trazer um material didático mais interativo e de fácil acesso, fruto de uma série de pesquisas feita por ele mesmo com o intuito de mostrar detalhes importantes da História do Brasil, também através das artes<sup>97</sup>. É importante considerarmos que Freire possa ter se identificado com o projeto de modernização construído por Debret através de suas pinturas, trazendo para as páginas d’*O Tico-Tico* sua própria apropriação e compreensão das imagens, com o intuito de reforçar que este mesmo Brasil pensado e imaginado por Debret ainda seguia rumo ao seu processo de modernização. Neste processo de modernização Freire atribui à parcela negra da população seu protagonismo frente aos processos históricos que ocorreram. Além disso, também devemos considerar que Freire trás tais imagens e constrói através delas a perspectiva de que a cultura brasileira é formada, sobretudo pela cultura de homens e mulheres negras, assim como Debret.

---

<sup>97</sup>GONÇALVES, *op.cit.*, p.154.

### CAPÍTULO III – O ensino de História nas páginas d’*O Tico-Tico*

Assim como a sociedade, os meios de comunicação, a indústria e muitos outros setores do Brasil passavam por intensas mudanças no início do século XX<sup>98</sup>. A forma de ensinar e construir o ensino também foi pauta de intensos debates, devido a necessidade de sanar a defasagem escolar presente no território brasileiro, sobretudo para diminuir os índices de analfabetos no país. Vanilda P. Paiva, em sua obra intitulada *Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira* nos traz alguns índices sobre a escolarização do final do século XIX e início do século XX que nos fazem pensar a urgência da mudança estrutural no ensino vivida naquele início de século. De acordo com Paiva, o censo de 1890 informava a existência de 85,21% de iletrados na população total (82,63%, excluídos os menores de 5 anos)<sup>99</sup>. Segundo a autora, no ano de 1900, o número encontrado havia sido de 75,78% para os 20 Estados brasileiros, baixando para 74,59% com a inclusão do Distrito Federal (69,63%, excluindo-se os menores de 5 anos)<sup>99</sup>. E como os números indicam, a alfabetização era então um desafio a ser enfrentado e debatido pela sociedade brasileira como também o foi pela elite política e intelectual desejosa de “modernizar” a nação.

Apesar dos intensos apelos educacionais não houve grandes mobilizações por parte do Estado que pudessem realmente concretizar uma política de ensino eficaz que pudesse abranger toda a população. Coube, então, aos intelectuais e políticos daquela época tanto difundir a “luta em prol da ampliação das oportunidades de educação elementar para as massas” quanto “teorizar sobre o assunto”, já que, segundo Paiva, ainda não havia profissionais da área da educação qualificados<sup>100</sup>. Para Paiva, os interesses acerca da educação da juventude brasileira não se deram somente pelo ímpeto em ajudar a população menos abastada da sociedade. A autora mostrou ainda que o interesse em torno da educação ia, inclusive, muito além das fronteiras do país. Os intelectuais e políticos da sociedade brasileira almejavam, entre outras coisas, o reconhecimento do Brasil junto aos “países cultos” e, para isso, era necessário solucionar o problema com a falta de acesso às escolas e diminuir o índice de pessoas não letradas<sup>101</sup>. Preocupados com a imagem do país no exterior e imbuídos de uma

<sup>98</sup>Sobre o processo de modernização durante o século XX, ver: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil republicano. Vol 1: O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 11. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

<sup>99</sup>PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1973, p.84.

<sup>100</sup> PAIVA., *op. cit.* p.27.

<sup>101</sup> <sup>101</sup> PAIVA., *op. cit.* pp.20 a 27.

missão (autoatribuída) de reformar a sociedade brasileira, eles fizeram da educação tema de debates públicos.

Cristiane Porfírio em *O quadro educacional do Brasil da primeira república como protótipo da moldura educacional do Brasil no novo milênio*, vai dizer que Jorge Nagle, afirmou que ocorreram alguns obstáculos para que a educação brasileira fosse posta “nos trilhos do mundo moderno”, tal fato ocorreu pois, tanto o Império como a República queriam “controlar com pulsos firmes as chamadas escolas de ‘formação de elite’”. Tais escolas visavam a “manutenção da ordem social e à permanência dos quadros intelectuais existentes”. Ou seja, o projeto educacional até então vigente, segundo Nagle, não possuía planos de incluir a população de baixa renda nesse processo de escolarização<sup>102</sup>. Contudo, havia, por outro lado, um sonho republicano, alimentado por intelectuais, jornalistas e políticos do período, acerca do ensino/aprendizado da população em geral. Segundo o autor, “[...] o sonho de, pela instrução, formar o cidadão cívica e moralmente, de maneira a colaborar para que o Brasil se [transformasse] em uma nação à altura das mais progressivas civilizações do Século”. Segundo Nagle, fato era que o projeto educacional estava arraigado às ideias da intelectualidade do século XX, que possuíam como principal objetivo alcançar o *status* de uma sociedade moderna e bem instruída<sup>103</sup>.

Levando em conta os apontamentos de Nagle sobre o sonho republicano de reformar a sociedade brasileira pela educação, podemos perceber que as revistas infantis que surgiram no início do século XX compartilhavam, de maneira geral, estes ideais. Intelectuais e jornalistas, através das páginas da imprensa, onde suas ideias eram amplamente difundidas e chegavam a alcançar as massas populares, usaram jornais e revistas para empreender tal projeto. Sendo assim, o projeto desses intelectuais era transformar a sociedade brasileira ainda em suas bases, ou seja, através das crianças e adolescentes. Dessa forma, as revistas infantis surgiam não só como entretenimento, mas como publicações voltadas para o ensino/aprendizagem, além de produzirem conteúdos sobre o comportamento e civismo.

Outro ponto explorado por esses intelectuais era o da criação de um padrão para o sentimento nacionalista, cívico e comportamental. Uma das formas encontradas para trabalhar

---

<sup>102</sup> NAGLE, Jorge. Apud. PORFÍRIO, Cristiane. *O quadro educacional do Brasil da primeira República como protótipo da moldura educacional do Brasil no novo milênio*. In: MORAES, Betania; JIMENEZ, Susana Vasconcelos; RABELO, Jackline; MENDES, Maria das Dores. *Marxismo, educação e luta de classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-políticos*. Ed. UECE, 2010. p.16.

<sup>103</sup> NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2ª edição. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1976. p.100-101.

tais aspectos da sociedade foi explorar a produção historiográfica e o ensino de História. Segundo Rebeca Gontijo, o estudo do passado nas primeiras décadas republicanas estava diretamente ligado a uma ideologia cívico-pedagógica. O papel do intelectual do início do XX era então contribuir para a (re)construção da identidade do país, ou seja, selecionando como a História do Brasil seria construída e contada. Caberia a esses historiadores “responder por nossas origens e desenvolvimento”<sup>104</sup>. O estudo da História tinha como principal referência o historiador Capistrano de Abreu e, assim como ele, os homens que se dedicavam a este estudo possuíam uma gama de possibilidades. Alguns escreviam sobre “fauna, flora, etnografia, folclore, filologia, linguística, geografia, geologia etc.” e em outros casos chegavam a “ocupar cargos públicos, exercendo serviços burocráticos, atuando na política, na diplomacia, na administração e organização de arquivos e bibliotecas, bem como, no ensino”<sup>105</sup>. Somente com o início da República e com a instabilidade política que se instaurou, os intelectuais sentiram a necessidade de construir um “espaço próprio, capaz de favorecer a profissionalização do intelectual”. Nesse processo, os estudos da História, por consequência, também ganharam sua autonomia. Entram em cena os profissionais em história<sup>106</sup>.

De acordo com Gontijo, tendo como referência os estudos históricos até então produzidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os historiadores optaram pelo método da crítica documental para se distinguirem dos demais “homens de letras”, além de herdarem a erudição e tradição de estudos históricos presentes já no século XIX<sup>107</sup>. Tal tradição foi marcada “pelo esforço de localizar e armazenar documentos, submetendo-os à crítica especializada” além de unir “dois modelos de história: a narrativa e a filosófica”<sup>108</sup>. A produção historiográfica do início do século XX estava, assim, diretamente associada aos propósitos políticos. Dessa forma, é importante ressaltarmos que o IHGB foi afetado financeiramente durante as primeiras décadas republicanas. De acordo com Ângela de Castro

---

<sup>104</sup>GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Orientador: Angela Maria de Castro Gomes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2006. p. 229.

<sup>105</sup> GOMES, 1996. pp. 45-47, 75-77 apud GONÇALVES, 2006. p.230.

<sup>106</sup>GONTIJO., *op. cit.* pp.229 a 231.

<sup>107</sup>Sobre o IHGB, ver: DETONI, Piero di Cristo Carvalho. *"Pacifica Scientiae Occupatio": a experiência historiográfica no IHGB na Primeira República*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-18102021-223425. Acesso em: 2023-01-12.

<sup>108</sup> GONTIJO, *op.cit.*, pp.232-233.

Gomes, o Estado passou a investir no setor acadêmico com o objetivo de “redirecionar a produção da história e da memória nacionais”<sup>109</sup>.

Em meio a essas transformações, que visavam em especial repensar a história nacional, Gontijo destaca que a produção historiográfica do século XIX, que ainda exercia grande influência nos autores do começo do século XX, priorizava dois momentos históricos: o Descobrimento e a Independência, com foco no papel do Estado nesses processos. Este foco, segundo a autora, muda com o início da República. Um exemplo que Gontijo apresenta é da obra de João Ribeiro, intitulado *História do Brasil*, livro didático publicado em 1900. Através deste livro, Ribeiro trata a formação do Brasil através da análise de um “Brasil interno”. Abordagem fundada no estudo da ocupação territorial do país e na incorporação de agentes até então excluídos da história, supostamente responsáveis por atribuir à nação “feições e fisionomia próprias”<sup>110</sup>. Ou seja, procurando pela formação da brasilidade ou ainda do “brasileiro”. É preciso lembrar ainda que a História somente constituiu-se como disciplina escolar com a criação do “Regulamento de 1838 do Colégio D. Pedro II”. Após a intensificação das disputas entre republicanos e monarquistas, surgia novamente a “necessidade de definição de uma identidade nacional”. Com a Proclamação da República em 1889, ficava assim explícita a importância da disciplina para auxiliar na formação do cidadão brasileiro<sup>111</sup>.

Fosse na escola, nos livros didáticos ou na imprensa, o tema da educação para formação do cidadão brasileiro ganhou centralidade nas discussões públicas. O Brasil “moderno”, republicano passava pelos processos de escolarização e também de revisitação do passado, em busca da memória nacional e da identidade brasileira. Em virtude do que foi mencionado, este capítulo tem por objetivo analisar a forma como a História, enquanto disciplina, estava sendo apresentada aos leitores da revista *O Tico-Tico*, através da seção de “História do Brasil em figuras”. A ideia é compreender em que medida o conteúdo publicado na revista dialogava com aquilo que circulava pelos materiais didáticos do período. Pretende-se também analisar como as histórias do Brasil contadas *n’O Tico-Tico* pareciam desejar contribuir na formação de uma identidade nacional forjada pela burguesia republicana. Para

---

<sup>109</sup> GOMES, 2001. p. 37-38 apud GONTIJO, 2006. p. 234.

<sup>110</sup> Ibid., pp. 232 a 234.

<sup>111</sup> SCHMIDT, M. A. M. dos S. *História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização*. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 16, n. 37, p. 73-91, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/24245>. Acesso em: 12 jan. 2023.

tanto, a ideia é compreender a forma como a coluna “História do Brasil em figuras” utilizou-se de biografias de personagens da história brasileira para executar tal projeto.

## II. O uso de biografias como recurso didático na seção de *História do Brasil em figuras*

Desde o século XIX as biografias foram amplamente aceitas como método de ensino de História. Em 1890, por exemplo, Silvio Romero lançou sua obra *A história do Brasil ensinada pela biográfica de seus heróis*<sup>112</sup>. Já no prefácio do livro, escrito por João Ribeiro, podemos encontrar a seguinte mensagem:

Só existe um recurso verdadeiramente eficaz que possa inocular na escola uma conduta cívica e patriótica. É o exemplo dos grandes cidadãos, a história dos que a fizeram a ela própria, sobressaindo sobre a atividade anônima das massas, dirigindo-a aos seus destinos e aos seus ideais<sup>113</sup>.

De acordo com Gontijo, assim como no prefácio de Ribeiro, a obra citada acima apresenta um extenso debate a respeito da missão cívico/pedagógica da educação, Romero traz em sua obra a ideia de “educação como redenção nacional”<sup>114</sup>. Nestes debates, segundo Adriana Barreto de Souza, havia um ponto em que todos concordavam: a “necessidade de se dedicarem ao ensino da história pátria”. Sendo assim, obras como a de Romero passaram a receber atenção dos “homens de letras” e, durante as primeiras décadas republicanas, a utilização de biografias como recurso didático acabou sendo apropriada pelas revistas e livros didáticos com o objetivo de consagrar um comportamento patriótico<sup>115</sup>.

Durante o período imperial, somente um pequeno grupo de pessoas letradas tinham acesso à pesquisa histórica com o objetivo de reunir e conservar documentos sobre a história do Brasil para que pudessem “fundamentar cientificamente um conceito de nação marcado

<sup>112</sup> Sobre a obra de João Ribeiro, ver: VIEIRA, Cleber Santos. *Civismo, República e manuais escolares*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 32, n. 63, p. 325-340, 2012; AVELAR, A. de S. *Entre a tradição e a inovação: o IHGB e a escrita biográfica nas primeiras décadas republicanas*. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 13, n. 33, pp. 397-429, 2020. DOI: 10.15848/hh.v13i33.1585. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1585>. Acesso em: 16 jan. 2023.

<sup>113</sup> RIBEIRO, João. “Prefácio”, In: ROMERO, Sylvio. *A história do Brasil ensinada pela biografia dos seus heróis*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Comp., 1890, p.8.

<sup>114</sup> GONTIJO, Rebeca. *Manoel Bomfim, “pensador da história” da Primeira República*. Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, jul. 2003.

<sup>115</sup> ROCHA, et al. 2009, pp. 129-130.

pela exclusão”<sup>116</sup>. Romero, ao publicar *A história do Brasil ensinada pela biográfica de seus heróis*, expande o debate em torno da história nacional e o público-alvo desta passa a ser também os “pequenos compatriotas”. Sendo assim, o conteúdo de ensino de história publicado entre o final do século XIX e início do XX prezava por reconfigurar a compreensão da identidade nacional e construir um padrão de comportamento, entendendo a história como “mestra da vida”<sup>117</sup>.

No prefácio da obra *A história do Brasil ensinada pela biográfica de seus heróis* Ribeiro reforça que o intuito de Romero é:

“substituir pela biografia a instrução cívica que mal poderia ser inculcada exclusivamente pela história. Não se trata de biografias a esmo, mas dos pontos culminantes, das vertentes de todas as águas que, através dos tempos, fertilizaram a história pátria”<sup>118</sup>.

Assim como Romero, a revista *O Tico-Tico* se apropriou das biografias com o intuito de consagrar um ensino de história que reforçasse o ensino da História Pátria e concretizasse as ideias que os intelectuais almejavam alcançar. A primeira seção criada com o intuito de ensinar história dentro da revista *O Tico-Tico* foi a seção de “História do Brasil em figuras”, criada por Leonidas Freire. Dentro da seção alguns heróis da nossa pátria são citados. Entre essas figuras estão o governador geral do Brasil, Matias de Albuquerque, o líder militar Henrique Dias, o rei da França Luís XVI, o imperador D. Pedro II, o político José Bonifácio, entre tantos outros.

A glorificação de homens que são representados como heróis é típica deste período e ajudou a cunhar a identidade nacional do país<sup>119</sup>. Um exemplo possível disso é a história do alferes Tiradentes, que figurou nas páginas da revistinha e que se consolidou, no Brasil republicano, seu status de herói nacional. Construída no final do século XIX e início do século XX, e repleta de elementos religiosos e cívicos, a história de Tiradentes foi cunhada, sobretudo pela realidade cultural do país, alicerçada em moldes católicos. A versão republicana da história da Inconfidência Mineira<sup>120</sup> enaltece a figura de Tiradentes como uma

---

<sup>116</sup>ROCHA, et al. 2009, p. 129.

<sup>117</sup>Idem, *op.cit.*, p. 130.

<sup>118</sup>RIBEIRO, *op.cit.*, p.5.

<sup>119</sup>ROCHA, *op.cit.*, p. 116

<sup>120</sup>Sobre a inconfidência ver: FURTADO, João Pinto. *O manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

espécie de mártir utilizando “referências religiosas, só que de modo reverso”<sup>121</sup>. Sendo assim, o “heroísmo religioso” foi valorizado e repassado ao recontarem a história da revolta inconfidente. Tal procedimento acaba se reproduzindo na revistinha, como podemos observar nas edições de números 34 e 35, d’*O Tico-Tico*. As edições foram publicadas respectivamente em 30 de maio e 6 de junho de 1906, na seção de “História do Brasil em figuras”. Nestas edições, Freire reconta a história do herói, reforçando sentidos religiosos, como podemos observar na imagem abaixo:

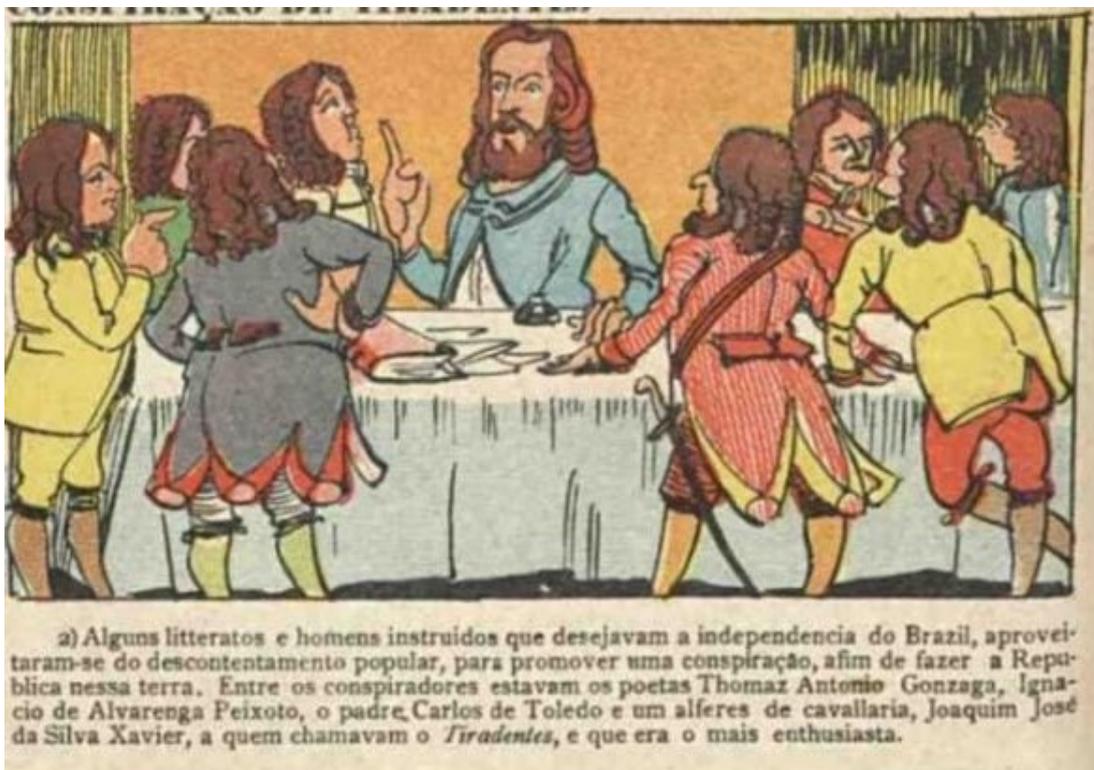


Figura 20 - “História do Brasil em figuras. Conspiração de Tiradentes”. *O Tico-Tico*, 30/05/1906. Nº 34.

A imagem acima pertence ao segundo quadro da 34ª edição da seção de História do Brasil em figuras”. Intitulada “Conspiração de Tiradentes”, nela podemos observar que, de alguma forma, a organização da imagem lembra a tradicional representação de “A última ceia”<sup>122</sup>. Segundo Gonçalves, nos elementos religiosos que constituem a ilustração acima podemos observar a semelhança da ilustração com a pintura da “Santa Ceia” uma vez que o desenho de Tiradentes se assemelha à imagem de Cristo e os inconfidentes, dispostos ao seu

<sup>121</sup> ROCHA, et al. 2009, p. 109

<sup>122</sup> Pintura renascentista do artista Leonardo da Vinci, intitulada *L'Ultima Cena*, é a pintura religiosa mais famosa do mundo.

redor, nos lembram os discípulos das histórias do Evangelho. Na interpretação de Gonçalves, Tiradentes “se entrega à morte em nome de um ideal”, se sacrificando em nome de todos, tornando-se um exemplo de “modelos cívicos e patrióticos” a serem seguidos. Além disso, a autora ressalta que a legenda presente abaixo da gravura, dá a “ideia de que a Inconfidência desejava a independência do país e que teria sido o evento fundador da ideia de República”<sup>123</sup>, tal impressão se dá devido o autor reforçar que os inconfidentes aproveitam de um momento de “descontentamento popular, para promover uma conspiração, a fim de fazer a República nessa terra”, ou seja, eles estariam se reunindo para tramar contra a monarquia. Além disso, a publicação reforçaria, segundo ela, que este “movimento teria sido criado pelas elites”, a legenda destaca que os homens ali presentes são “alguns literatos e homens instruídos”, dessa forma, podemos dizer que caberia aos intelectuais, escritores e literatos, reformar o país. Esta é uma forma de Freire reconhecer a importância desse grupo, ao qual fazem parte muitos dos colaboradores da imprensa, que também desejam transformar o Brasil e colocam nos jornais e revistas seus projetos de nação. Alguns outros aspectos que reforçam a ideia de Tiradentes como herói estão presentes no último quadrinho na edição de número 35, publicada no dia 6 de junho de 1906. Neste há uma referência à condenação de Tiradentes, como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 21 - “História do Brasil em figuras. Conspiração de Tiradentes”. *O Tico-Tico*, 06/06/1906. Nº 35.

<sup>123</sup> É importante destacarmos aqui que a historiografia já ressaltou que a imagem da inconfidência com o desejo de independência, foi forjada. Sobre isso, ver: CANDIDO, A. *Os poetas da Inconfidência. IX Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto, Ministério da Cultura, 1993; FIGUEIREDO, L. R. A. *Painel histórico*. In: D. Proença Filho (org.), *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro, Nova Aguiar, 1996; HOLANDA, S. B. de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

Ao centro da imagem, representado descalço, com a cabeça raspada, vestes brancas e segurando um crucifixo, está Tiradentes. Na legenda podemos destacar a exaltação de Tiradentes como “glorioso” e cercado por uma multidão composta pela “irmandade da misericórdia, um esquadrão de lanceiros da guarda do Vice-Rei e muitos soldados de infantaria de grande gala” que acompanhavam o herói até seus últimos momentos<sup>124</sup>. A imagem acima é uma criação autoral de Freire, ela exalta a fé e a comoção que a condenação de Tiradentes teria gerado na população. Através dessa ilustração, Freire faz um esforço para gerar no leitor um sentimento de identificação, onde o leitor se comove com a história do alferes. Freire sempre fez uma seleção de histórias e imagens para a seção d’*O Tico-Tico*. No caso da escolha da história do herói Tiradentes, o autor reforça o comportamento heróico e patriótico nos leitores da revista. Os elementos religiosos reforçam a importância do catolicismo para a sociedade do século XX, correspondendo a um ideal de comportamento pregado pela burguesia republicana<sup>125</sup>.

Outro herói que aparece nas páginas da seção de “História do Brasil em figuras”, porém, de forma modesta, é o herói pernambucano, negro, Henrique Dias, liderança militar presente na batalha dos Guararapes tido como um dos principais responsáveis pela vitória contra a invasão holandesa<sup>126</sup>. Na seção citada anteriormente, Henrique Dias é mencionado na 16ª edição, publicada em 24 de Janeiro de 1906 e na 17ª edição, publicada em 31 de Janeiro de 1906. Na 16ª edição, intitulada “História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco”<sup>127</sup>, Dias é mencionado logo no primeiro quadrinho ao lado do índio Poti, como podemos observar na imagem a seguir:

<sup>124</sup> FONSECA, p. 109 apud GONÇALVES, 2019, p. 152

<sup>125</sup> Sobre Tiradentes e imagens, ver: Christo, Maraliz de C. V. (2005): *Pintura, história e heróis: Pedro Americo e “Tiradentes esquartejado*, Campinas . Tese de doutoramento em História, UNICAMP. 2005; CARVALO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>126</sup>Sobre a invasão holandesa no Brasil, ver: MARINHO, Marcela Irian Angélica Machado. *Francisco Adolfo de Varnhagen, a narrativa do episódio da invasão holandesa e o mito fundacional do Brasil: fato, temporalidades sujeitos históricos e as suas ressonâncias no ensino de história*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Cuiabá, 2014.

<sup>127</sup>“História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)”. *O Tico-Tico*, 24/01/1906. Nº 16.



Figura 22 - “História do Brasil em figuras. Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)”. *O Tico-Tico*, 24/01/1906. Nº 16.

A legenda diz:

Tratos Mathias de Albuquerque de despertar os bríos de sua gente e dos moradores a ... léguas da cidade de Olinda, mandou construir o – Arraial do Bom Jesus – onde se reuniram muitos voluntários e se organizaram as celebres – Companhias de emboscadas – que ... fizera os holandeses.

O índio Poty, mais conhecido por Camarão, e o preto Henrique Dias, foram os principais e os mais terríveis comandantes dessas emboscadas.

A imagem de Henrique Dias como herói nacional foi forjada ainda no século XVII, os cronistas referiam-se a ele pela sua “coragem e bravura”. Dias é citado logo no “primeiro manual de história do Brasil” do autor José Inácio de Abreu e Lima. Abreu e Lima pertenceu ao grupo “antiescravista e anti-racista (mas não abolicionista)” que apresentou a imagem de Henrique Dias no “primeiro compêndio de história do Brasil”, após recuperar a imagem do herói da narrativa de Robert Sauthey, presente no livro *História do Brasil*. O texto

apresentado no compêndio “destaca a bravura e o heroísmo de Henrique Dias e considera tais qualidades provas diretas de que o “acidente da cor” não define qualquer diferença essencial entre pessoas”<sup>128</sup>. Diferente de Abreu e Lima, Joaquim Manuel de Macedo em seu manual *Lições de história do Brasil*, adotado até 1916 pelo Colégio Pedro II, apresenta breves comentários a respeito do herói e por vezes aproximava-o “decididamente da condição escrava”, sendo assim, Macedo retira todo o protagonismo da participação de Henrique Dias na batalha contra os holandeses<sup>129</sup>.

Observando a imagem juntamente com a legenda acima, podemos dizer que Freire atribuiu a Henrique Dias o reconhecimento como um personagem importante para a luta contra os holandeses, sobretudo quando o autor caracteriza-o, juntamente com Camarão, como: “os principais e os mais terríveis comandantes”. É importante ressaltarmos a forma como Henrique Dias é representado nestes quadrinhos, com orelhas, lábios e pés avantajados. Dias, assim como outros personagens negros que vão aparecer no decorrer da seção, são apresentados de forma estereotipada, porém, sem estarem associados a uma ideia de comicidade. Ou seja, o objetivo de Freire ao inserir personagens com feições exageradas não parecia ser o de causar graça para o leitor<sup>130</sup>. Contudo, não podemos desconsiderar o uso do adjetivo “terrível” utilizado pelo autor ao se referir a Dias e ao índio Poti, tal adjetivo somado às feições atribuídas ao personagem pode gerar uma interpretação de que Dias poderia ter sido um homem violento ou cruel.

Apesar de ser citado como um importante comandante para a luta contra a invasão holandesa, Dias somente aparece novamente no sétimo quadrinho da 16ª edição. Na edição seguinte seu nome é apenas mencionado em dois momentos, primeiro ao mencionar o início do combate contra os holandeses em 1637, onde Freire reforça que se destacaram neste combate “Henrique Dias, Camarão, Vidal, Rabelo e a famosa D. Clara Camarão. Posteriormente o herói será citado ao estar presente no momento em que o conde Bagnuolo desembarca e é detido pelo grupo ao qual Dias pertencia. dando a entender que somente estaria sendo mencionado para que os leitores pudessem lembrar da presença dele no processo da batalhas dos Guararapes. Ao selecionar a batalha dos Guararapes para estar presente nas páginas d’*O Tico-Tico*, Leonidas Freire reforça a ideia da pluralidade de “raças” presente no

<sup>128</sup> MATOS, Hebe. *O herói negro no ensino de história do Brasil: representações e usos das figuras de Zumbi e Henrique Dias nos compêndios didáticos brasileiros*. In: ABREU, Marta; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca; (orgs). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.218.

<sup>129</sup> MATOS, *op.cit.*, pp.215-224.

<sup>130</sup> Sobre os estereótipos raciais na representação do homem negro nos quadrinhos ver: CHINEN, Nobuyoshi. *O papel do negro e o negro no papel – representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*. São Paulo: 2013. 296p.

Brasil, o índio, o negro, o branco e que de certa forma todos se uniram e foram responsáveis por defender as terras brasileiras dos invasores. Segundo Amanda Marques de Carvalho Gondim, tal maneira de recontar a história corroborava com o discurso de que esta seria nossa primeira visão de nação ou “pátria”<sup>131</sup>.

Diante das informações acima, podemos concluir que as biografias foram um importante recurso didático ao final do século XIX e início do XX. Elas certamente contribuíram para consagrar a imagem de heróis nacionais, com o intuito de reforçar comportamentos morais e cívicos nos jovens brasileiros. Não obstante, a seção de *História do Brasil em figuras* se apropriou de tal recurso com os mesmo objetivos, mas se diferenciou ao trazer um material mais visual e que pudesse entreter e ensinar seus pequenos leitores.

### III. O ensino de História, do livro didático às páginas d’*O Tico-Tico*

Há inúmeras formas de olharmos para uma sociedade para tentarmos compreendê-la, seja através de livros, músicas, documentos ou até mesmo através de suas vestes. Jacques Le Goff em sua obra *História e memória* trabalha com a expressão “cultura histórica” dando a este termo seguinte sentido: “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva, mantém com o passado”. Sendo assim, tudo que é produzido culturalmente pela sociedade diz muito sobre seu tempo. Os livros didáticos, por exemplo, nos permitem enxergar como “determinada sociedade estabeleceu relação com o seu passado, na medida em que o livro escolar participa como expressão, agente e produto de uma cultura histórica”<sup>132</sup>. Dessa forma, o livro didático se torna uma importante ferramenta que nos permite compreender as relações entre ensino de história e política, na medida em que tais livros constituem-se como uma importante ferramenta de difusão de pensamentos e comportamentos. E por essas características, eles “foram utilizados em diferentes momentos da história do Brasil como instrumentos de reprodução ideológica das classes dominantes”<sup>133</sup>.

Os livros didáticos estão presentes no Brasil desde 1820, com o surgimento das primeiras escolas públicas no país. Com a criação do Colégio Pedro II em 1837, o livro

---

<sup>131</sup>Em sua obra Gondim analisa a forma como a batalha dos Guararapes foi importante para a criação de uma identidade nacional entre as décadas de 1660 e 1700. GONDIM, Amanda Marques de Carvalho. *A pátria nasceu aqui: o discurso das batalhas dos Guararapes e a educação nas décadas de 1660 e 1700*. Recife: O Autor, 2011. p. 72;

<sup>132</sup> ROCHA, et al. 2009, p. 267

<sup>133</sup>ZACHEU, A. A. P.; CASTRO, L. L. O. *Dos tempos imperiais ao PNLD: a problemática do livro didático no Brasil*. In JORNADA DO NÚCLEO DE ENSINO, 14., 2015, Bauru. Anais [...] Bauru: Unesp, 2015. p.2

didático passou a ser utilizado de maneira contundente nas salas de aula. Desde o século XIX, até as primeiras décadas republicanas, os livros didáticos sofriam de uma forte influência europeia, a partir da qual tentavam adaptar para a realidade da sociedade burguesa do país. Além disso, os livros didáticos eram rigidamente controlados pelo Estado, que utilizava dos mesmos como uma forma de controlar o que estava sendo ensinado nas escolas. Tanto no período Imperial quanto na República, o livro didático serviu como “um meio de concretizar o ideal nacionalista do país em formação”<sup>134</sup>.

Os primeiros livros didáticos produzidos para a disciplina de História foram organizados pelo IHGB e pelo Colégio Dom Pedro II, pois ambos possuíam o mesmo objetivo de “legitimar a história da nação”<sup>135</sup>. Com a instauração da República, os intelectuais do começo do século XX precisavam estabelecer uma relação entre o ensino de História com o projeto de modernização e (re)construção do país. Dessa forma, assim como, festas, personalidades históricas, bandeiras, feriados, o livro didático se tornaria um meio para veicular e difundir o projeto de criação de uma identidade nacional. Era possível encontrar os símbolos republicanos que se sustentavam em “rituais cívicos e processos pedagógicos” em “Escolas, jornais, partidos políticos e igrejas”<sup>136</sup>.

Levando em consideração os apontamentos acima, vamos analisar a 5ª edição do livro *História do Brasil – Resumo Didático*<sup>137</sup> do bibliotecário brasileiro, Raul Villa Lobos. O objetivo é compreender o conteúdo que está sendo apresentado pelo livro e como os livros didáticos podem ter colaborado para a seleção do que foi apresentado como História do Brasil nas páginas da revista *O Tico-Tico* através da seção de *História do Brasil em figuras*. A imagem abaixo pertence à capa do livro, através das informações nela contidas, podemos perceber que esta é uma edição corrigida e aumentada. A edição contém 21 gravuras. O livro possui 218 páginas e está dividido em 36 capítulos, iniciando seu conteúdo com o tema do Descobrimento do Brasil e finalizando com os últimos acontecimentos do reinado de D. Pedro II, que culminaram na proclamação da República.

---

<sup>134</sup> ZACHEU. *op.cit.*, pp.1-3.

<sup>135</sup> MOREIRA, Kenia Hilda *O ensino de história do Brasil no contexto republicano de 1889 a 1950 pelos livros didáticos: análise historiográfica e didáticopedagógica*. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 2011. p.22.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p.44.

<sup>137</sup> LOBOS, Raul Villa. *História do Brasil – Resumo Didático*. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901.

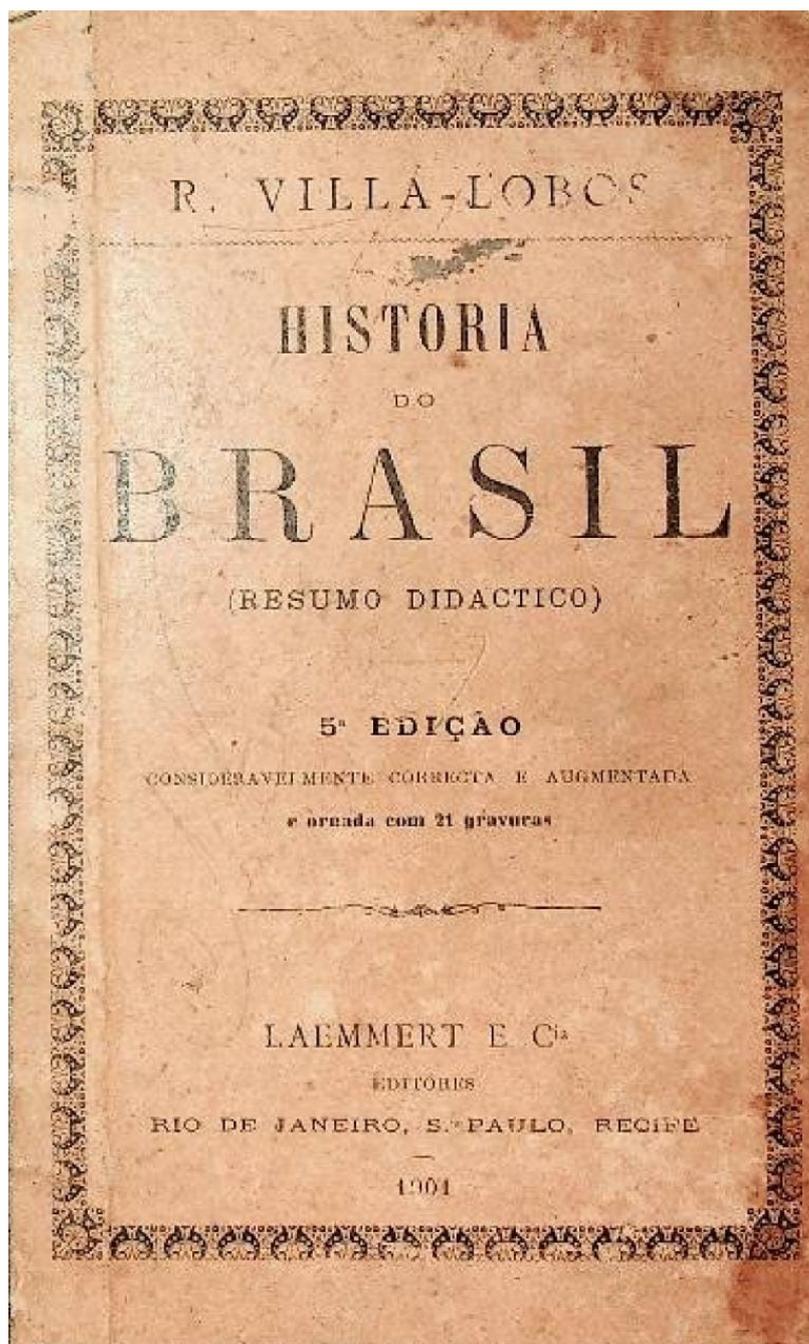


Figura 23 - LOBOS, Raul Villa. História do Brasil – Resumo Didático. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901.

Se compararmos o conteúdo didático do livro de Lobos com o conteúdo que foi selecionado e apresentado na seção de *História do Brasil em figuras*, vamos perceber as inúmeras semelhanças existentes. A tabela abaixo reúne todo o conteúdo abordado pelo livro e através dela vamos destrinchar alguns temas e pontos importantes que nos farão compreender como o conteúdo do livro didático está diretamente relacionado ao que foi

selecionado para estar nas páginas da revista mais amada pelas crianças nas primeiras décadas republicanas.

<b>Tabela 2 - Tabela 2 - Índice do livro História do Brasil – Resumo Didático de Raul Villa Lobos</b>		
<b>Capítulo</b>	<b>Título</b>	<b>Página</b>
Cap. I	Viagens e descobrimento marítimos dos portugueses – Descobrimto da America por Christovão Colombo. Vasco da Gama.	1
Cap. II	Descobrimto do Brasil; seus primeiros exploradores. 1499-1532.	8
Cap. III	Povos que habitavam o Brasil na época do seu descobrimto. Ethnographia, língua e período de civilização dos índios, tabas ou aldeias; usos; armas e costumes dos índios; religião; forma de governo; guerras e matanças dos prisioneiros.	17
Cap. IV	Systema de colonização do Brasil empregado por D. João III. – Capitánias hereditárias. 1534	22
Cap. V	Estabelecimto de um governo geral. Thomé de Souza e Duarte da Costa. 1549-1558.	31
Cap. VI	Mem de Sá, terceiro governador geral. 1558-1572	35
Cap. VII	Divisão do Brasil em dois governos e subsequente reunião em um só. Dominio da Hespanha. Estado em que se achava o Brasil em 1581. 1572-1581.	41
Cap. VIII	Governo interino da primeira junta governativa, 1581-1583. Manoel Telles Barreto, 1583-1587. Governo interino de uma segunda junta, 1587-1591. 1581-1591.	46
Cap. IX	D. Francisco de Souza, 1591 a 1602. Diogo Botelho, 1602 a 1607. 1591-1607.	49
Cap. X	D. Diogo de Menezes. Nova divisão do Brasil em dois governos e subsequentemente reunião em um só, 1617. – Francezes no Maranhão. 1607-1615.	53
Cap. XI	Primeira invasão dos holandezes. Perda e restauração da cidade do Salvador. 1624-1625.	58
Cap. XII	Segunda invasão holandea; perda de Olinda e do Recife; histórico da guerra até a retirada de Mathias d’Albuquerque, 1630 a 1635. 1635-1635.	62
Cap. XIII	Segundo período da guerra holandea, desde a retirada de Mathias de Albuquerque até a aclamação de D. João IV no Brasil, 1635 a 1641. 1635-1641.	66
Cap. XIV	Estado do Maranhão e das capitánias da Bahia para o sul até 1641. 1624-1641.	70
Cap. XV	Guerra holandea no Brasil desde a aclamação de D. João IV até o rompimto da insurreição pernambucana. 1641-1645.	74
Cap. XVI	Ultimo período da guerra holandea, desde o rompimto da insurreição pernambucana até a capitulação da campina do Taborda. 1645-1654	78
Cap. XVII	Paz de Portugal com a Hollanda. Causa da ruína do poder holandez no Brasil e triumpho obtido pelos pernambucanos. Resultados da guerra. 1661.	84
Cap. XVIII	Erros administrativos do Brasil. Lutas entre os jesuítas e os colonos. Beckmann. 1652-1683.	87
Cap. XIX	Destruição dos Palmares, guerras civis dos Mascates e Emboabas. 1695-1709.	91
Cap. XX	Efeitos no Brasil da guerra da sucessão de Hespanha. Lutas com os Hespanhóes ao sul. Hostilidade de Duclero, Duguay Trouin no Rio de Janeiro. Tratados de Utrecht e de Madrid. 1668-1750.	96
Cap. XXI	Do desenvolvimto e progresso do Brasil no reinado de D. João V. 1707-1750.	101

Cap. XXII	Reinado de D. José I. – Questões e lutas no sul do Brasil – Jesuitas e sua expulsão. – O Marquez de Pombal. 1750-1777.	106
Cap. XXIII	Primeiras idéas de independência no Brasil. – Conspiração mallograda de Minas. – O Tiradentes. 1789.	111
Cap. XXIV	Transmigração da família real de Bragança para o Brasil. Séde da monarchia portugueza do Rio de Janeiro. 1807-1815.	116
Cap. XXV	Guerra com os hespanhões ao sul e com os francezes ao norte do Brasil. Revolução republicana de Pernambuco em 1817. 1817.	120
Cap. XXVI	Revolução de Portugal em 1820; seus effeitos no Brasil. Regresso da côrte portugueza para Lisbôa. 1820-1821.	125
Cap. XXVII	Primeiros mezes de regência de D. Pedro no Brasil. 1821.	128
Cap. XXVIII	Desde o dia do Fico até ao do Ypiranga, 9 de janeiro a 7 de setembro de 1822. 1822.	132
Cap. XXIX	Acclamação e coroação do primeiro Imperador. Guerra da Independencia. 1822-1823.	136
Cap. XXX	Assembléa constituinte. Juramento da constituição do Imperio. Revolução de Pernambuco em 1824. Lord Cochrane no Maranhão. Motins na Bahia. Reconhecimento da Independencia do Brasil por Portugal. Guerra no Rio da Prata. 1822	140
Cap. XXXI	Tratados de commercio. – Medidas legislativas. – Revoltas de tropas estrangeiras. – Almirante Roussin. – Tumultos em Pernambuco e Bahia. – D. Maria II. – A Imperatriz D. Amelia. – Abdicação: 7 de abril de 1831. 1826-1831.	145
Cap. XXXII	Governos regenciaes, primeira parte, Regencias provisórias e permanente trina. 1831-1834.	151
Cap. XXXIII	Governos regenciaes, 2ª parte. Regencia do senador Padre Antonio Feijó e do senador Pedro de Araujo Lima. Declaração da maioria de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II. 1835-1840.	157
Cap. XXXIV	Preimeiro ministério depois da maioria. Movimentos em S. Paulo e em Minas-Geraes do Sul, 1845. – Revolução Praeira em Pernambuco, 1848. – Guerra do Rio da Prata contra Oribe e Rosas. – Tratado de 1856 (6 de abril) com o Paraguay. – Questão Anglo-Brasileiras (Christie). – Desenvolvimento industrial, commercial e litterario do Brasil. 1840-1863.	164
Cap. XXXV	Guerra contra a Banda Oriental na Republica Oriental do Uruguay, 1864 e 1865. Intervenção indébita do dictador Francisco Solano Lopes. Guerra contra o Paraguay, 1864 a 1870. 1864-1870.	172
Cap. XXXVI	Ultimos acontecimentos do reinado de D. Pedro II, desde o fim da guerra do Paraguay até a sua deposição do governo e subsequente proclamação da Republica. 1870-1889.	183

Avaliando os episódios históricos escolhidos para compor a obra de Lobos, podemos analisar que, o autor constrói uma narrativa linear da História do Brasil. Seu conteúdo inicia com as conquistas e descobertas dos portugueses, passando pelo processo de descobrimento, primeiro contato com povos nativos, estabelecimento dos primeiros governos, guerras entre Brasil e Holanda, luta entre jesuítas e colonos, guerra dos Palmares, reinado de D. João V e assim sucessivamente, até o reinado de D. Pedro II, fim da guerra com o Paraguai e a proclamação da República. Dessa forma, Lobos construiu um livro didático completo, apresentando fatos importantes para a compreensão da História do Brasil, destacando momentos e personalidades históricos importantes. Já a seção de *História do Brasil em figuras* opta por percorrer outro caminho, iniciando sua narrativa dando destaque a Revolução

pernambucana de 1817, visto que, esta revolução é o primeiro vislumbre de uma sociedade unida como uma pátria, lutando em prol de uma mesma causa. Para além disso, a seção vai passar pelas invasões holandesas, a revolta de Manuel Beckman, Guerra dos Palmares, invasões francesas, conspiração de Tiradentes, seguindo de forma a narrar os fatos sucessivamente até a Guerra do Paraguai.

Diferente do livro didático de Lobos, a seção de Freire deixa de lado alguns fatos históricos importantes, como a implantação dos primeiros governos do Brasil, a paz estabelecida entre Portugal e Holanda, os efeitos da guerra de sucessão da Espanha no Brasil, reinado de D. João V, reinado de D. José I, os governos regenciais, entre outros. Podemos assim dizer que, a seção de *História do Brasil em figuras* foca, sobretudo em momentos históricos marcados por conflitos no país, apresentando as principais revoltas nativistas e separatistas. Freire deixa de lado todo o contexto histórico para além das fronteiras do país, sem apresentar como determinados acontecimentos em outros países afetaram as relações aqui estabelecidas. Além disso, Freire destaca as invasões holandesas e francesas criando uma narrativa de participação popular e coletividade entre os brasileiros que lutavam para proteger a pátria.

A forma como os fatos são narrados se diferenciam ao ponto que, Freire está sempre buscando mostrar a pluralidade da nação brasileira, sendo ela formada por homens e mulheres negras, brancos, indígenas e como todos são responsáveis pela formação da pátria brasileira. Por outro lado, o autor peca ao construir uma História do Brasil quase ausente de conflitos entre as diferentes etnias que a compõe a nação. Lobos não apresenta essa mesma pluralidade ao narrar os fatos, ele apenas os apresenta destacando os principais pontos e personalidades de cada momento histórico que está sendo abordado. Também não possui como objetivo destacar os conflitos étnicos vivenciados no período colonial ou imperial.

Como dito anteriormente, a obra de Lobos trás algumas imagens que ilustram determinados capítulos, porém, a utilização da imagem no livro didático é diferente das histórias em quadrinhos. Na seção de História do Brasil em figuras a imagem está em primeiro plano ilustrando os acontecimentos narrados, apresentando algumas interpretações que dispensam a legenda. Já no livro didático, a imagem está em segundo plano, apenas utilizada como uma ilustração para observação dos acontecimentos. A imagem abaixo pertence ao capítulo 23, intitulado *Primeiras idéas de independência no Brasil*. –

*Conspiração mallograda de Minas. – O Tiradentes. 1789.* A imagem aparece no meio do capítulo e não apresentam nenhuma legenda ou explicação.

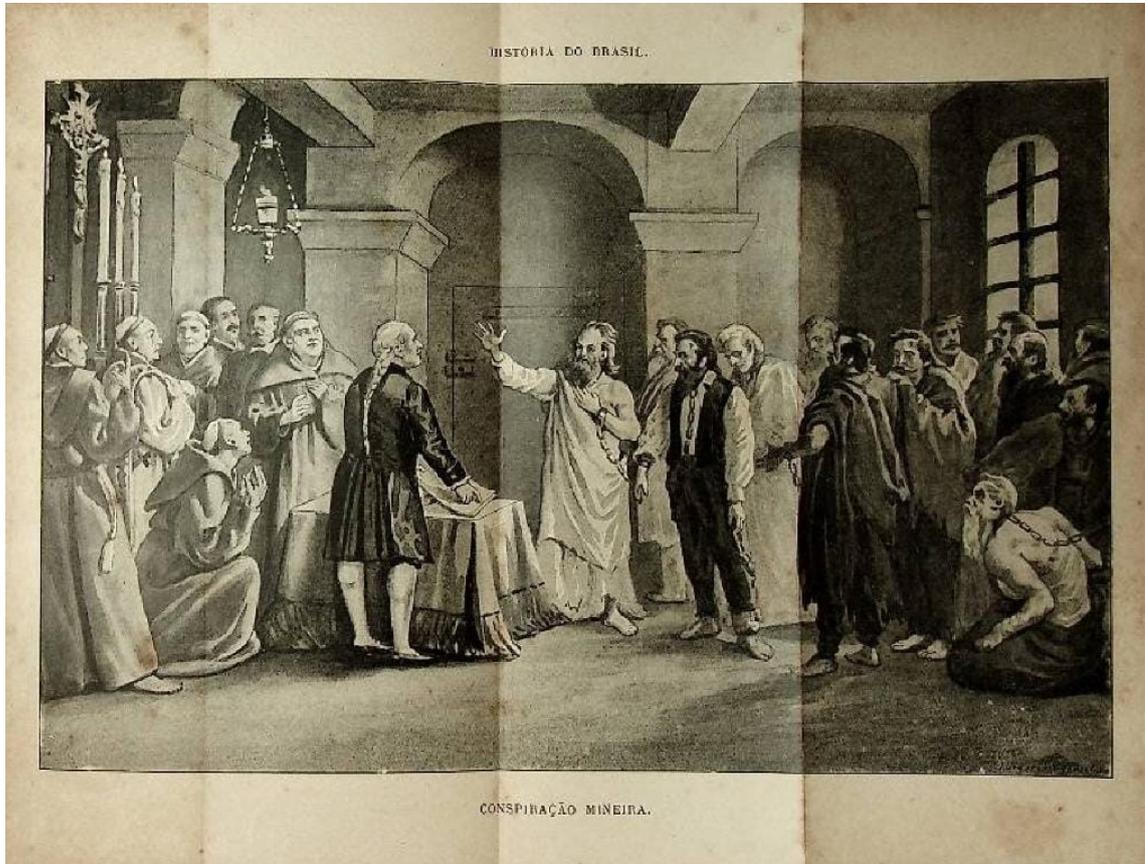


Figura 24 - LOBOS, Raul Villa. História do Brasil – Resumo Didático. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901. p.114.

Com as imagens acima podemos fazer uma comparação com as figuras 19 e 20 que também ilustram a inconfidência mineira. Apesar das diferentes formas de representar Tiradentes e os inconfidentes, em ambos os casos pode-se perceber a forte influência religiosa, o alferes é representado de forma que se assemelha a Jesus Cristo. Ao citar Tiradentes, Lobos se refere a ele como um homem muito religioso e que se destacou por seu entusiasmo com a causa. Ao narrar a história da inconfidência, diferentemente de Freire, Lobos apresenta os antecedentes ao ocorrido e explica de onde veio as influências e ideias dos inconfidentes, também trás nome de outros homens que foram importantes para essa revolta como “tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade; o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto e Claudio Manoel da Costa, notáveis poetas; o desembargador Thomaz

Antonio Gonzaga, autor da Marília de Dirceu”, entre outros<sup>138</sup>. A condenação de Tiradentes também é comentada no livro e diferente da seção, Lobos destaca a que teria ocorrido após a condenação do alferes e a consagração de 21 de abril como feriado nacional, como podemos observar na imagem abaixo:

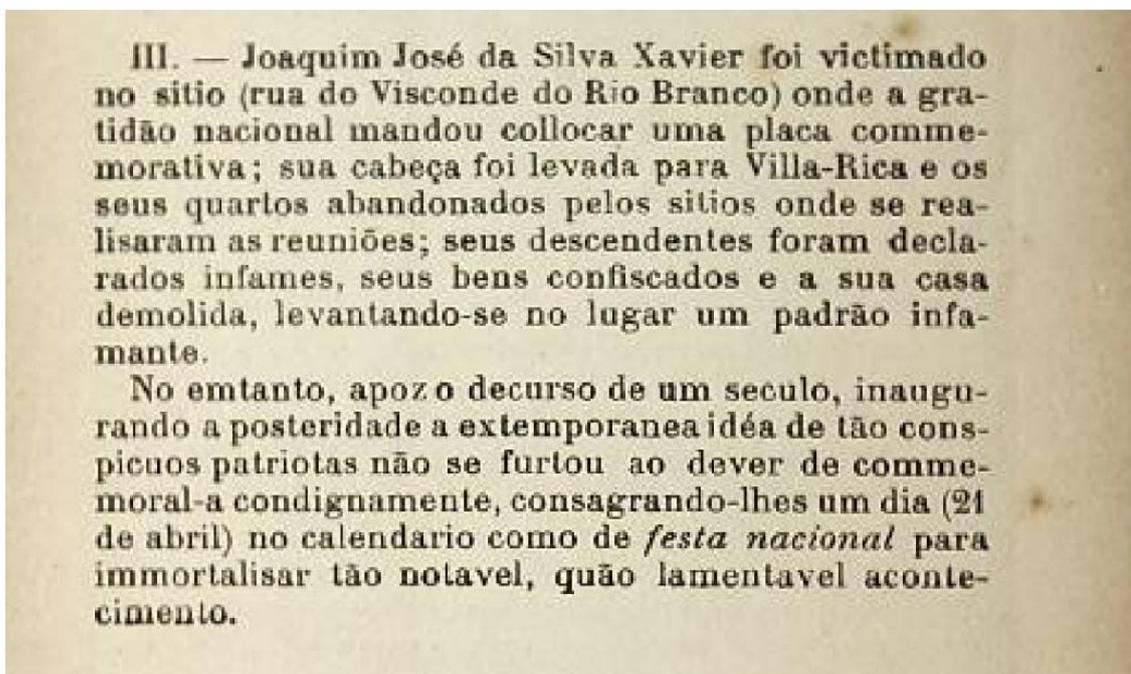


Figura 25 - LOBOS, Raul Villa. História do Brasil – Resumo Didático. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901. p.115.

Diante das informações acima, podemos concluir que a forma como os intelectuais estabeleceram os parâmetros para o ensino de História e para a produção de livros didáticos para a disciplina refletiu diretamente na seleção do conteúdo didático apresentado pela revista *O Tico-Tico*. O conteúdo de história apresentado pela seção apresentou um ensino de história mais plural, ao apresentar e representar personagens negros, indígenas e brancos, como todos responsáveis pela conquista da instauração da República. Além disso, diferente do livro didático, as histórias em quadrinhos tinham como principal objetivo reforçar os padrões de comportamentos morais e cívicos empregados pela burguesia. Sendo assim, a seção foi uma importante ferramenta de reforço e trouxe para dentro d'*O Tico-Tico* a importância do ensino de história.

<sup>138</sup> LOBOS, *op.cit.*, p.112.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo tentei demonstrar a importância da seção “História do Brasil em figuras”, publicada na revista infantil *O Tico-Tico* entre os anos 1905 e 1907, para a formação de uma identidade nacional através do ensino de história. Ao longo das páginas que encerram aqui buscou-se demonstrar como Leonidas Freire sempre esteve inteirado (e compartilhou) da empreitada da revista em criar ou forjar um padrão de comportamento e educação para os jovens brasileiros. Sendo assim, através da análise desta seção, tentei evidenciar como a produção da “História do Brasil em figuras” e a seleção de materiais apresentadas por ela contribuíram para a consolidação de uma determinada história do Brasil e para o projeto educacional da revista *O Tico-Tico*.

Dessa forma, busquei argumentar sobre a forma como Freire construiu sua seção inspirada nas concepções educacionais (e ideológicas) presentes na revista. Tentei compreender a complexidade da seção produzida por Leonidas Freire, visto que uma série de projetos políticos (em circulação naquele começo de século no Brasil) se mostraram bastante presentes nas entrelinhas de suas histórias em quadrinhos. Como tentei demonstrar, o autor criou em seus desenhos uma narrativa para a história do Brasil que valorizava o nacionalismo, o patriotismo e a participação popular. Tal como Debret vira nos seus desenhos uma oportunidade de pensar e projetar não só o passado, mas o futuro da nação brasileira, Leonidas Freire narrou para as crianças um Brasil que se fez a partir da participação política e social de homens e mulheres negras, além de ressaltar aqueles que lutaram em nome da pátria. Dando início à sua “História do Brasil em figuras” com o episódio da Revolução de 1817, evento retomado nas edições seguintes para o processo de “descobrimento” do Brasil, ele destacava, por exemplo o protagonismo de “brasileiros” e populares contra um domínio estrangeiro<sup>139</sup>. Reforçando espírito nativista no desenho da primeira edição, visto por muitos intelectuais no período como indicativo da formação originária da nossa nacionalidade, ele começava a história do Brasil não pela chegada dos portugueses, com suas caravelas nas praias brasileiras, mas por essa espécie de “tomada de consciência” da população de sua “nacionalidade” ou “brasilidade”. Importante pensar também na escolha por começar sua história por uma insurreição do início do século XIX, ocorrida no nordeste, em Pernambuco, ao invés de lembrar inicialmente da Inconfidência Mineira, tradicionalmente acionada como

---

<sup>139</sup> “História do Brasil em figuras. Reação Nativista – Revolução de 1817”. *O Tico-Tico*, 22/11/1905. Nº 01.

um dos primeiros momentos dessa sublevação contra os portugueses. A inconfidência e Tiradentes surgirão nos quadrinhos de Freire, reproduzindo alguns lugares comuns que a República consolidou sobre a figura elevada ao posto de “herói” nacional, mas apenas nas edições seguintes. Seria, por parte do desenhista, uma tentativa de descentralizar (tirar do sudeste) essas narrativas sobre o passado brasileiro? Essa continua sendo uma pergunta importante a se fazer. Neste trabalho tentei demonstrar como a Revolução de 1817, entendida como popular, foi representada com um evento que levou à união da população em prol de uma mesma causa, desenhando no horizonte um vislumbre da pátria brasileira que ali estaria sendo construída, até chegar ao fim de sua empreitada com a proclamação da República. Além disso, busquei analisar algumas das referências imagéticas de Freire, entre elas as produzidas por Jean-Baptiste Debret. Mostrei como Freire se inspirou em suas obras para ilustrar sua seção e apresentei uma discussão sobre a seleção de tais imagens que auxiliaram na construção de uma determinada imagem da história do Brasil. Acompanhando a interpretação de Valéria Lima sobre Debret, analisei os quadrinhos de Freire tentando mostrar como eles, de alguma forma, reproduziam a ideia do viajante sobre o papel central da população negra na construção da nação brasileira<sup>140</sup>.

Por fim, busquei investigar a forma como Freire se apropriou do conteúdo de história ensinado nas escolas, remodelando estas narrativas para as páginas d’*O Tico-Tico*. Em um primeiro momento apresentei a forma como a seção se apropriou das biografias dos heróis brasileiros para consagrar o comportamento heróico dessas personagens que lutaram pela pátria brasileira. Em segundo, busquei apresentar as principais semelhanças e diferenças entre o material produzido para ser utilizado nas salas de aula e o material construído por Freire para estar nas páginas da revistinha. Espero ter demonstrado como Freire sempre produziu intencionalmente, com o objetivo de concretizar uma história do Brasil alicerçada nas diferentes etnias que juntas formam o Brasil da forma como ele é social e culturalmente, além de ter auxiliado na consolidação do projeto educacional da revista *O Tico-Tico*.

Em suma, interessava-me conduzir uma investigação sobre que tipo de história do Brasil circulou nas histórias em quadrinhos de Leonidas Freire, com o objetivo compreender os projetos políticos e sociais estavam sendo impressos nas páginas da revista *O Tico-Tico*. Busquei evidenciar o modo como Leonidas Freire inseriu em suas histórias em quadrinhos o projeto educacional da revista, primeiro apresentando uma história do Brasil mais plural, com

---

<sup>140</sup> LIMA, Valéria. J. –B. Debret, *historiados e pintor: A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816 – 1839)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

uma intensa participação popular nos eventos históricos e segundo a forma como a seção contribuiu para a concretização de um determinado padrão de comportamento alicerçado nas histórias dos heróis brasileiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes impressas

LOBOS, Raul Villa. *História do Brasil – Resumo Didático*. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Laemmert e Cia. 1901.

### Periódicos

*O Tico-Tico: jornal das crianças*, 1905 – 1907.

*Jornal Dom Casmurro*, 1942.

### BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

CHINEN, Nobuyoshi. *O papel do negro e o negro no papel – representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*. São Paulo: 2013. 296p.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil republicano. Vol 1: O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 11. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

GOMES, Ivan Lima. *Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

GONÇALVES, R. F. . *O Malho, a imprensa empresarial e a criação da revista O Tico-Tico*. *Brasília: Journal for Brazilian Studies* , v. 9, p. 278-311, 2020.

\_\_\_\_\_. *A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista o Tico-Tico*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

\_\_\_\_\_. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação infantil no Brasil republicano (1905-1962)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

GONTIJO, Rebeca. *Manoel Bomfim, “pensador da história” da Primeira República*. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, jul. 2003.

\_\_\_\_\_. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Orientador: Angela Maria de Castro Gomes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2006. p. 229.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2015.

GUSMÃO, E. M. *Contribuições de Silvio Romero para o currículo da escola elementar no século XIX*. Educação em Revista, [S. l.], v. 11, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/2321>. Acesso em: 13 jan. 2023.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. Editora Ática, 2007.

LIMA, Valéria. J. –B. *Debret, historiados e pintor: A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816 – 1839)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

MATOS, Hebe. *O herói negro no ensino de história do Brasil: representações e usos das figuras de Zumbi e Henrique Dias nos compêndios didáticos brasileiros*. In: ABREU, Marta; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca; (orgs). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOREIRA, Kenia Hilda *O ensino de história do Brasil no contexto republicano de 1889 a 1950 pelos livros didáticos: análise historiográfica e didáticopedagógica*. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 2011.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2ª edição. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. *Entre o Grotesco e o Risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil*. 2015.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

PATROCLO, L. B. *As mães de famílias futuras: a Revista o Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925)*. **Cadernos de História da Educação**, 2019.

PEREIRA, L .A. M. Introdução. IN: *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

PORFÍRIO, Cristiane. *O quadro educacional do Brasil da primeira República como protótipo da moldura educacional do Brasil no novo milênio*. In: MORAES, Betania; JIMENEZ, Susana Vasconcelos; RABELO, Jackline; MENDES, Maria das Dores. *Marxismo, educação e luta de classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-políticos*. Ed. UECE, 2010

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro. *As Representações do Brasil nos quadrinhos nacionais: o rural, o urbano e o pop*. São Paulo: Líbero, 2016.

SCHMIDT, M. A. M. dos S. *História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização*. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 16, n. 37, p. 73–91, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/24245>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, Alexandre Rocha da. *Os Homens do Futuro – As Crianças de Hoje: Debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907 – 1919)* Campinas: UNICAMP, 2018.

TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Rio de Janeiro, UERJ: Dissertação de Mestrado, 2009.

VERGUEIRO; Waldomiro. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2017.

ZACHEU, A. A. P.; CASTRO, L. L. O. *Dos tempos imperiais ao PNLD: a problemática do livro didático no Brasil*. In JORNADA DO NÚCLEO DE ENSINO, 14., 2015, Bauru. Anais [...] Bauru: Unesp, 2015.